



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - CESUPI
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

RAELE COSTA SILVA

**CONHECIMENTO DE PROFESSORES E ALUNOS DE 1º AO 3º ANO
DO ENSINO MÉDIO ACERCA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA
ESCOLA EEE MARIA DO SOCORRO JACOB EM ITAITUBA-PA**

ITAITUBA - PA

2020

RAELE COSTA SILVA

**CONHECIMENTO DE PROFESSORES E ALUNOS DE 1º AO 3º ANO
DO ENSINO MÉDIO ACERCA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA
ESCOLA MARIA DO SOCORRO JACOB EM ITAITUBA-PA**

Projeto apresentado na disciplina TCC II como
parte da nota do curso de Ciências Biológicas da
Faculdade de Itaituba.
Orientador(a): Lúcia Maria da Costa Cruz

ITAITUBA – PA

2020

SILVA, Raelle Costa.

CONHECIMENTO DE PROFESSORES E ALUNOS DE 1º AO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO ACERCA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA MARIA DO SOCORRO JACOB EM ITAITUBA-PA, . CLPL da FAI, 2020: CLPL da FAI, 2020

66 fhs

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, Itaituba- Pará- BR-PA, 2020.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

1- Educação Sexual, Sexualidade, professores, Escola, Família.I. CRUZ.

Lucia. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR- Pará, 2020.

RAELE COSTA SILVA

CONHECIMENTO DE PROFESSORES E ALUNOS DE 1º AO 3º ANO DO
ENSINO MÉDIO ACERCA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA MARIA DO
SOCORRO JACOB EM ITAITUBA-PA

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Ciências Biológicas da Faculdade de
Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria Costa Cruz,
Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Lucia Maria da costa Cruz, Esp.

Avaliador 1: _____ Nota: _____
Prof.^a Margaret Ferreira de Aguiar, esp.

Avaliador: _____ Nota: _____
Prof.^a Raquel Peres Rocha, Ma.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 19 de Março de 2020

*Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso
à minha família cuja força e amor é inspiração
de Deus a me guiar todos os dias.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus.

A todos os meus professores do Curso de licenciatura em Ciências biológicas da faculdade de Itaituba- FAI, pela excelência e qualidade técnica de cada envolvido na Educação Superior.

Aos meus pais Raquel Silva Costa e Regino Gomes de Oliveira, que sempre me incentivaram e estiveram ao meu lado, zelando por mim ao longo de toda a minha trajetória no curso Superior.

Aos meus professores, especialmente ao prof. Márcio Silva, pelo empenho e dedicação a mim concedidos.

À minha orientadora, profa. Lucia Maria da Costa Cruz, por estar sempre comigo no período das orientações.

Enfim, agradeço pelos meus colegas e a todos e todas que indiretamente contribuíram para a realização de meu sonho.

“A ciência nos traz conhecimento; a vida, sabedoria”.
(Will Durant)

RESUMO

A Educação sexual não deve ser vista de maneira solitária como uma ação que ocorre à parte da educação global do indivíduo deve ser entendida como parte fundamental de si mesma. Ela também compartilha de toda história da educação do Brasil, e foi influenciada pelos mesmos elementos que têm influenciado a educação como um todo. O principal objetivo deste estudo foi analisar o nível de conhecimento de professores e alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio acerca da educação sexual na escola estadual Maria do socorro Jacob. O presente estudo se deu através de uma pesquisa de campo, seguido de um método exploratório e descritivo, dentro de uma abordagem quantitativa e qualitativa de investigação. Para isso foi elaborado e aplicado um questionário estruturado, objetivo e subjetivo aos discentes e docentes da escola Maria do Socorro Jacob. Os resultados encontrados na pesquisa constatou-se que há uma divisão de opinião entre os discentes, a metade afirma que a maior dificuldade encontrada é a falta de um orientador na escola, e os outros afirmam que é a ausência da família por falta de conhecimento, e até mesmo por preconceitos religiosos. Os professores alegam que a falta de material de apoio e também de estrutura administrativa, é uma das grandes dificuldades vivenciadas no âmbito escolar, no entanto o gestor incentiva a todos a sempre trabalhar temáticas como Educação sexual, mas, a participação da direção da escola na intervenção sexual, ainda é evidenciada pelos alunos, que não é ofertado nenhum tipo de orientação através de palestras na escola. Portanto, é relevante ressaltar que ainda existem muitos preconceitos relacionados a este assunto, é de suma importância que haja orientação na escola juntamente com o apoio familiar para que os alunos possam ter o esclarecimento necessário sobre o referido tema. Espera-se que com a realização deste estudo, professores e alunos sintam-se mais motivados para realizarem seus verdadeiros papéis no que diz respeito à Educação sexual do adolescente do ponto de vista psicológico sócio cultural, possibilitando compreender a sexualidade como algo inerente dos organismos vivos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual, Sexualidade, professores, Escola, Família.

ABSTRACT

Sexual education should not be seen in a solitary way as an action that occurs apart from the individual's overall education should be understood as a fundamental part of itself. It also shares the whole history of Brazilian education, and was influenced by the same elements that have influenced education as a whole. The main objective of this study was to analyze the level of knowledge of teachers and students in the 6th to 9th grade about sex education in the Maria do Socorro Jacob school. The present study was carried out through a field research, followed by an exploratory and descriptive method, within a quantitative and qualitative research approach. For that, a structured, objective and subjective questionnaire was developed and applied to the students and teachers of the Maria do Socorro Jacob school. The results found in the research found that there is a division of opinion among the students, half say that the greatest difficulty encountered is the lack of an advisor in school, and others claim that it is the absence of the family due to lack of knowledge, and even by religious prejudices. The teachers claim that the lack of support material and also the administrative structure is one of the great difficulties experienced in school, however, the manager encourages everyone to always work on themes such as sexual education, but sexual intervention, is still evidenced by the students, that no kind of guidance is offered through lectures at school. Therefore, it is important to emphasize that there are still many prejudices related to this subject, it is very important that there is guidance in the school together with the family support so that the students can have the necessary clarification on the said topic. It is hoped that with the realization of this study, teachers and students will feel more motivated to carry out their true roles with regard to adolescent sexual education from the socio-cultural psychological point of view, making it possible to understand sexuality as something inherent in living organisms.

KEYWORDS: Sexual Education, Sexuality, teachers, School, Family.

LISTA DE SIGLAS

DST'S –Doenças Sexualmente Transmissíveis

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OMS – Organização Mundial de Saúde

PCN'S – Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Necessidade de um Orientador Educacional para trabalhar Educação Sexual.....	41
Gráfico 2-	O conhecimento dos discentes em relação ao termo Educação sexual.....	42
Gráfico 3-	Quanto ao início da Sexualidade.....	42
Gráfico 4-	Quanto a idade de se iniciar a Puberdade aos dez anos.....	43
Gráfico 5-	Concepção dos caracteres sexuais secundários, em relação ao seu desenvolvimento.....	44
Gráfico 6-	Concepção do Início da Puberdade.....	45
Gráfico 7-	A Cultura e a Religião na influência da Sexualidade.....	46
Gráfico 8-	A vivência Sexual em relação os diferentes sexos.....	47
Gráfico 9-	Quanto ao trabalho do professor de Ciências em relação ao tema.....	48
Gráfico10-	A participação da Direção na Intervenção Sexual.....	49

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	A Escola fornece Educação sexual aos alunos? Em caso positivo, como ocorre essa orientação?.....	49
QUADRO 02	Na sua opinião, quais as vantagens de se trabalhar educação sexual na escola?	50
QUADRO 03	Você utiliza suas aulas para trabalhar educação sexual?.....	50
QUADRO 04	Você já presenciou situações em que foi ou era necessária a intervenção de um orientador? Descreva.....	51
QUADRO 05	Quais os casos mais comuns que você tem presenciado na escola que exigem a educação sexual?	52
QUADRO 06	O que você entende por educação sexual e orientação sexual?	53
QUADRO 07	Você acha importante trabalhar o conteúdo educação sexual em sala de aula?	53
QUADRO 08	Qual maior dificuldade hoje, em sua opinião de se trabalhar educação sexual na escola?	54
QUADRO 09	Existe no PPP da escola alguma proposta para se trabalhar a temática sexualidade? Qual?	55
QUADRO 10	Você responde naturalmente as perguntas dos adolescentes relacionadas a sexo ou prefere deixar para outro momento ou quem sabe deixar para a própria família responder?.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL.....	15
2.2 CONCEITOS RELACIONADOS À SEXUALIDADE	17
2.2.1 Adolescência	18
2.2.2 Puberdade	19
2.2.3 Sexualidade.....	21
2.3 A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	23
2.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA	25
2.5 O PAPEL DA ESCOLA	27
2.5.1 Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's	29
2.5.2 As necessidades da educação sexual	30
2.6 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA	32
2.7 EDUCAÇÃO E SAÚDE	35
2.8 A ESCOLA COMO UM ESPAÇO SOCIAL PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE	36
3 METODOLOGIA.....	39
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	39
3.2 LOCAL DE ESTUDO	39
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	40
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	40
3.5 ÉTICA NA PESQUISA	40
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
4.1 OLHARES DOS DISCENTES.....	41
4.2 OLHARES DOS DOCENTES	48
5 CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES.....	62

1 INTRODUÇÃO

No decorrer do tempo o estudo sobre educação sexual vem despertando a sensação de fantasia nas pessoas. As curiosidades sobre a sexualidade e os sentimentos que ela desperta sempre estiveram presentes na história da humanidade. Todavia o assunto continua camuflado na sociedade e no contexto escolar, ainda que sua importância seja crescente, abrangente e de âmbito social (BRASIL, 2010).

Nesse contexto, as sociedades modernas a gravidez precoce está se tornando cada vez mais comum. Trata-se de um fenômeno social, e como tal, vem sendo um dos mais sérios agravantes enfrentados por famílias na cidade de Itaituba. Na maioria dos casos a gravidez na adolescência ocorre de forma repentina, como tantas outras decisões tomadas pelos adolescentes, seja em Itaituba como em qualquer lugar, as causas mais comuns apontadas por pesquisadores estão relacionadas à falta de acesso à informação, aos métodos contraceptivos, desestrutura familiar, e ainda decisões equivocadas, resultantes de desejos inconscientes de adolescentes confusos e desorientados (BRASIL, 2010).

Ocorreram diversas mudanças ao longo da história da sociedade, que mudaram todos os aspectos da vida social e ocasionaram em uma maior interação do homem com a natureza no desenvolvimento da técnica, da ciência, dos meios de comunicação, o que tem colaborado, para uma transformação do comportamento, das ações morais e dos assuntos ligados ao sexo e sexualidade. Vivia-se o prazer de forma intensa tanto para a reprodução quanto para a satisfação pessoal, em busca dos profundos sentimentos do amor e ligados também à sensualidade (CAMARGO, 2013).

Apesar das diversas mudanças e de uma grande propagação pelos canais de comunicação que abordam o tema sexualidade, nota-se que é um assunto que continua sendo pouco discutido nas escolas. Nesse caso este estudo tem como finalidade colaborar para o fortalecimento desta questão, para a pesquisa e investigação sobre este assunto importante e complexo e para sua reflexão no ambiente educacional (CHAUÍ, 1984).

O trabalho tem como principal objetivo analisar o nível de conhecimento de professores e alunos de 1º ao 3º ano acerca da educação sexual na Escola estadual de ensino médio Maria do Socorro Jacob. O principal problema de pesquisa é

descrito da seguinte forma. Como podemos analisar a dificuldade de se falar de sexualidade na sala de aula? Como a família busca orientar os filhos a respeito da Educação sexual? Quais as principais vivências na escola e de que forma os professores passam essas informações para os alunos?

Diante dessas questões, é importante observar que a adolescência é um período de transformação, quer no aspecto biológico, funcional, personalidade, etapa da vida onde é necessário preservar o exercício de uma vida sexual plena, saudável e satisfatória, por serem sujeitos de direitos, é imprescindível que esta etapa deva ser resguardada, carecem de preparação para exercer a sua vida sexual e reprodutiva saudável e de forma salutar.

Sendo assim, justifica-se a escolha do tema proposto baseado nos entraves e desafios a Educação sexual ainda sendo considerada por muitos como um tabu, ainda precisa-se ser verificado por parte de Orientadores, professores e educadores, de modo geral, a respeito da Educação sexual. Com o passar do tempo à rejeição em incluir a educação sexual nas escolas diminuiu, com a dificuldade que os pais encontraram em achar uma forma de esclarecer os questionamentos de seus filhos, mas por saberem que é extremamente necessário para o desenvolvimento e o entendimento das crianças, onde acabam repassando essa responsabilidade para a escola.

Desse modo, compreende-se que, quando se trata de adolescentes, é importante que os responsáveis, estejam sempre atentos aos aspectos relacionados à formação do caráter e a construção do juízo de valores. Comumente aponta-se que neste processo, os adolescentes focalizam no comportamento dos adultos e dependem em grande parte da orientação e acompanhamento que recebem.

Espera-se, assim, que essa pesquisa venha contribuir com estudos relacionados à educação e a sexualidade e ajudar os educadores e a família a desprover-se de preconceitos e estereótipos no enfrentamento da questão, sensibilizando os mesmos que a parceria entre família e escola é de suma importância para a contribuição ao desenvolvimento sexual do adolescente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

A Educação Sexual não deve ser vista de maneira solitária como uma ação que ocorre à parte da educação global do indivíduo deve ser entendida como parte fundamental da mesma. Ela também compartilha de toda a história da educação do Brasil, e foi influenciada pelos mesmos elementos que têm influenciado a educação como um todo (BRASIL, 2010).

De acordo com alguns pesquisadores a Educação Sexual no Brasil teve início no século XX, por volta da década de 20 e 30. Muitos educadores e médicos trabalharam em conjunto nessa época, na defesa da Educação Sexual na Escola, o interesse era de levar às mulheres o conhecimento mais amplo sobre sexualidade e também melhorar sua saúde (BRASIL, 2012).

Não havia nem um tipo de preocupação com a reestruturação dos papéis sexuais, mas, os objetivos seriam os mesmos que fundamentavam o aumento das oportunidades educacionais para a mulher.

“médicos e educadores em um número considerável manifestavam-se a favor da Educação Sexual como forma de evitar a perversão moral, as psicoses sexuais e a degeneração física, bem como assegurar a saudável reprodução da espécie” (BRUSCHINI e BARROSO, 2012).

Houve inúmeras tentativas de incluir a Educação Sexual no currículo escolar, mas sempre as negativas eram maiores, o preconceito de pessoas que tiravam suas próprias conclusões e se referiam à Educação Sexual como indecente e imoral.

“A Igreja Católica constituiu um dos freios mais poderosos, até a década de 60, para que a Educação Sexual formal penetrasse no sistema escolar brasileiro. Em primeiro lugar, por sua posição claramente repressiva em matéria de sexo em segundo lugar, pela posição de destaque que ocupou na educação nacional, através da manutenção e da ferrenha defesa de sua rede de ensino. Portanto, mesmo antes do final de década de 60, quando ocorreu no país um momento de hipertrofia de um autoritarismo moralista, o sistema de ensino era bastante repressivo, tanto à veiculação de informações sobre sexualidade humana quanto à manifestação da sexualidade entre os estudantes” (ROSEMBERG, 1985 p.12).

Outro empecilho encontrado para a implantação da Educação Sexual nas escolas, em 1965 o Secretário de Educação do Estado de São Paulo, Ataliba Nogueira proibiu os professores das escolas públicas a transmitirem informações sobre meios anticoncepcionais e controle de natalidade. Essa decisão interferiu diretamente nos programas que vinham sendo desenvolvidos, pois limitavam os assuntos que podiam ser debatidos (BRASIL, 2010).

Aos poucos se foi notando um maior número de experiências voltadas à sexualidade humana nos meios educacionais e também nas partes mais esclarecidas da sociedade. Em uma determinada época os temas trabalhados eram de sugestões dos alunos de acordo com o interesse e a necessidade de cada um, a orientadora educacional também fazia proposta de temas, contudo a escolha dos mesmos era decidida através de voto (BARROSO, 2005).

Barroso e Bruschini (2005), afirmam que, curiosamente, não havia nenhuma lei ou proibição formal contra a educação sexual. A interdição era difusa e, talvez por isso mesmo, mais eficiente. O assunto era tabu, existia, mas não se falava sobre ele. Orientadores, professores e educadores, de modo geral, passaram a assumir a interdição, temendo represálias e obedecendo a uma lei que, na verdade, nem mesmo existia.

Com o passar do tempo há rejeição em incluir a educação sexual nas escolas diminuiu, com a dificuldade que os pais encontram em achar uma forma de esclarecer os questionamentos de seus filhos, mas por saberem que é extremamente necessário para o desenvolvimento e o entendimento das crianças, acabam repassando essa responsabilidade para a escola.

De acordo com Oliveira (2011), cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade e auxiliar os educandos a encontrar um ponto de auto referências através da reflexão e assim construir um processo formal e sistematizado, mas para tal, é necessário planejamento.

Nesse contexto, a educação sexual precisa ser trabalhada de forma que os alunos recebam essas informações de maneira objetiva e simples. O corpo docente da escola precisa trabalhar sempre em conjunto para obter um bom trabalho e que as crianças recebam a atenção e os cuidados necessários para terem o entendimento correto sobre suas dúvidas (BRASIL, 2014).

2.2 CONCEITOS RELACIONADOS À SEXUALIDADE

Ao longo da história a vivência da sexualidade e o termo sexualidade foram expostos a diferentes sentidos. A história da sexualidade no Ocidente indica que na antiguidade grega e romana era vivenciada uma sexualidade de forma livre, sem nem um tipo de associação ao pecado e à imoralidade. Vivia-se o prazer de forma intensa tanto para a reprodução quanto para a satisfação pessoal, em busca dos profundos sentimentos do amor e ligados também à sensualidade (BRUSCHINI e BARROSO, 2012).

De acordo com Lima (2015), na ascensão do Cristianismo, “constitui-se uma moralidade permanente” mantendo a castidade ou o casamento reforçando à recusa do prazer sexual, reduzindo assim as práticas sexuais para “limites estreitos dos interesses procriadores”.

Sobre esse aspecto, Lima (2015), afirma ainda que essa postura coercitiva e silenciosa sobre a sexualidade perdurou até que Freud, no século XX, abriu “novas perspectivas para o estudo das pulsões sexuais” e a partir da medicina conseguiu se livrar das limitações impostas pelo moralismo cristão.

Assim como a sexualidade a saúde sexual e a saúde reprodutiva também tiveram no decorrer da história várias definições, de acordo com cada época em que se foi vivida. Ademais, saúde sexual esteve ligada à saúde reprodutiva da mulher sendo debatido à fecundação como a única necessidade sexual, sem ao menos pensar na existência do prazer feminino (LIMA, 2014).

Os conceitos relacionados à sexualidade sempre foram muitos distintos, cada época com sua maneira de julgar e caracterizar. “Os estudos sobre a sexualidade têm mostrado que ela é construída de forma diferente através das culturas e do tempo” (PARKER, 2003 p.128). Nos dias atuais a sexualidade é definida como parte integral da formação de cada indivíduo, produzida no contexto social, cultural e histórico, no qual o sujeito está inserido.

A sexualidade própria de cada pessoa, a meiguice, carinho, carência, os afetos, impulsos sexuais, socialização, agressividade, a forma Cortez ou grotesca de se comunicar com os outros, a colocação da voz através do seu timbre, tonalidade e velocidade, o nível de simpatia ou apatia, a maneira de se vestir e se produzir, o grau de inibição e a capacidade de atrair o outro, as preferencias sexuais, desejos, fantasias, manifestação da excitação. Caracterizam o que chamamos de sexualidade (MEIRA, 2011).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a sexualidade é um aspecto básico necessário que é interligado com os outros aspectos básicos da vida. Os direitos sexuais acompanham aos direitos humanos que já são reconhecidos pelas leis e documentos internacionais consensuais. Eles incluem o direito de todas as pessoas e desprezam qualquer tipo de discriminação ou violência, devendo ser protegidos e respeitados (BRASIL, 2014).

2.2.1 Adolescência

A adolescência é considerada uma fase que marca a transição da infância para a idade adulta. É a fase em que se caracteriza por alterações em diversos níveis. Representa para o indivíduo um distanciamento das atitudes e privilégios típicos da infância e com isso adquirindo competências que o capacite para assumir os deveres e papéis sociais do adulto. A adolescência pode ser definida como a trajetória do ser em transição inserido em contextos sucessivos que influenciam diretamente suas propostas e comportamentos (CAMARGO, 2010).

Existencialmente, o adolescente, em muitos momentos, compreende-se de modo inautêntico com dificuldades na consciência de si mesmo e em sua projeção para o futuro. Assim, isola-se e sente-se só, embora sua necessidade primária seja aproximar-se do outro (SCIVOLETTO, 1997).

Portanto para a Organização Mundial da Saúde, a adolescência é uma etapa da vida, que começa aos 10 e vai até os 19 anos, 11 meses e 29 dias, e de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente começa aos 12 e vai até os 18 anos, onde acontecem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais (BRASIL, 2014).

Nessa fase ocorrem pelo menos três fenômenos importantes do desenvolvimento humano: do ponto de vista biológico, a puberdade, com o amadurecimento sexual e reprodutor; do ponto de vista social a passagem da infância para a vida adulta, com a assunção de papéis adultos e a autonomia em relação aos pais; e, do ponto de vista psicológico, a estruturação de uma identidade definitiva para a subjetividade (projeto de vida) (CHAUÍ, 1984).

A adolescência geralmente é dividida em três períodos, o primeiro período seria a Pré-adolescência ou Adolescência Menor (10/11 anos aos 14 anos), o

principal fator que marca a pré-adolescência ou a adolescência menor é a puberdade (CORRÊA, 2008).

O segundo período é a Adolescência Intermediária ou Média / Fase Puberal / Puberdade (14 aos 17 anos) é o período de transição entre o início e final da adolescência, ocorrem dois importantes eventos biológicos, nos meninos finalmente alcançam e ultrapassam a altura e peso das meninas e a menarca (primeira menstruação) já ocorreu na maioria das meninas (BRASIL, 2010).

Por sua vez, o terceiro e último período é a Adolescência Tardia ou Adolescência Maior / Fase Pós-Puberal / Pós-puberdade (17 aos 20 anos). Este período dura por cerca de três a quatro anos e termina quando os relacionamentos do adulto jovem são estabelecidos. É uma fase de fortes sentimentos e emoções, com intensos relacionamentos de oposição. Duas importantes tarefas durante este períodos são, transformar-se, de uma pessoa dependente, em uma pessoa independente e estabelecer uma identidade (BRASIL, 2010).

De acordo com Scivoletto (1997), o desenvolvimento da sexualidade com práticas semelhantes às dos adultos preocupa pelo risco de gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, e até pela escolha de métodos anticoncepcionais adequados.

Essa fase pode ser encarada como resultante de todo processo e particularmente importante para o desempenho na vida adulta. Muitos jovens ficam, porém, efetivamente vulneráveis nesse momento e reeditam, frequentemente, dificuldades que já haviam sido superadas em fases anteriores.

Com isso, pode-se afirmar que adolescência é um período de muitas confusões, medos e incertezas, onde ocorre a rebeldia com os pais e também com os professores, não se aceita ordens por achar que adolescência seja sinônimo de independência, onde já se sabe de todas as coisas, e tem a capacidade e autonomia para tomar suas próprias decisões (COSTA, 2010).

2.2.2 Puberdade

Puberdade não é sinônimo de adolescência. A puberdade faz parte da adolescência e é nessa fase que ocorrem as mudanças, tais como, o crescimento de pelo, o crescimento de testículos e aparecimento dos seios (BRASIL, 2014).

Scivoletto (1997 p.117) considera que, as alterações físicas, com o surgimento das características sexuais secundárias, são vividas com ansiedade, algumas vezes com certo desconforto tanto para as meninas quanto para os rapazes. O “novo corpo”, inicialmente desconhecido, gera dúvidas e ansiedades, dando espaço para o surgimento de mitos e tabus a respeito da sexualidade.

Pode-se dizer que a puberdade são as alterações físicas que transformam o corpo infantil em um corpo adulto, tornando-o capacitado para gerar filhos e que também levam meninos e meninas a se interessarem por sexo. A puberdade não tem um tempo determinado para ocorrer, ela pode começar tanto aos 8 como aos 15 anos. Cada pessoa tem o seu tempo e desenvolve as diversas partes do organismo de forma individual e progressiva (FERREIRA, 2008).

Com isso, pode-se afirmar que existem dois outros tipos de puberdade, a puberdade precoce e a puberdade atrasada. A puberdade precoce acontece quando as características que pertencem as meninas ocorrem antes dos 9 anos de idade e nos meninos antes dos 10 anos. A puberdade atrasada é quando algumas meninas a partir dos 13 anos de idade, ainda não possuem características de desenvolvimento físico ou sexual (FIGUEIRÓ, 2009).

No entanto, as transformações da puberdade no menino começam um pouco mais tarde, por volta dos 10 aos 13 anos e são muito mais demoradas do que nas meninas. Os primeiros sinais dessa transformação são o nascimento de barba, aparecimento de pelos na região pubiana, nas pernas, nos braços e no peito, modificação da voz a qual fica mais grave, o aumento no tamanho dos órgãos genitais.

É nessa época que os meninos já podem ter sua primeira ejaculação. De acordo com o Guia de Orientação Sexual (2012) meninos costumam ter sonhos eróticos e ejacular durante o sono, e isso se chama polução noturna (BRASIL, 2012). Ainda assim as transformações nas meninas iniciam-se, em geral, entre 11 e 14 anos. Geralmente, a puberdade tem início com a primeira menstruação(menarca), que acompanha o surgimento de uma série de transformações do corpo que já se vinham manifestando na fase conhecida como pré-puberal (BRASIL, 2010).

A partir dos dez anos a menina cresce vários centímetros em pouco tempo, sua cintura se afina, os quadris se alargam, os seios começam a avolumar-se e surge uma leve pilosidade no púbis e nas axilas. Simultaneamente, as glândulas

sudoríparas se desenvolvem, tornando o odor do corpo mais intenso e provocando uma transpiração excessiva nas axilas (BRASIL, 2010).

Na puberdade, as transformações do corpo são acompanhadas por uma rápida aceleração do crescimento estatural. As transformações da puberdade podem ser acompanhadas por alterações de humor, instabilidade emocional, questionamentos e conflitos. Na puberdade, com a ação dos hormônios sexuais, o desejo sexual se intensifica. É a partir da puberdade que o interesse por outras pessoas e o desejo de uma relação sexual com penetração começam a se manifestar (BRASIL, 2012).

A primeira menstruação chama-se menarca, o tempo entre períodos-menstrual não é regular nos primeiros anos após a menarca. Para a fertilidade é necessário a ovulação, mas pode ocorrer de acompanhar ou não as primeiras menstruações, a iniciação da evolução após a menarca não tem como ser evitada.

2.2.3 Sexualidade

Quando se fala em sexualidade muitos se fecham diante deste assunto e se negam a falar sobre o mesmo, um assunto complexo e acompanhado de muitos preconceitos. Sendo que a sexualidade está presente no cotidiano das pessoas e é parte fundamental na formação da personalidade de cada indivíduo (FOUCAULT, 1982).

Sexualidade leva a pensar em pulsões, emoções, uma energia que pode ou não mostrar. Uma força que fica pressuposta na intenção do comportamento ou no desejo de fazer. É algo que se esconde nas dobras do dia-a-dia e aparece na interpretação de quem observa ou de quem sente quando se busca a razão lógica de um comportamento (CHALAR SILVA *apud* CORREIA, 2008).

Pode-se afirmar que a sexualidade está presente no seio da família. Esta presença se apresenta por meio dos seus valores, pudores, conceitos e nas vivências interpessoais, além de se manifestar de formas diferentes ao longo da vida. A sexualidade está também no olhar, no toque, na comunicação verbal, na afetividade, nas relações entre as pessoas, no modo de se vestir, na feminilidade, na sedução, no carinho e no amor (GUIRADO, 2015).

No conceito contemporâneo, a sexualidade é uma experiência regida por diferentes desejos e condutas que a tornam um processo absolutamente pessoal e natural. A forma como cada indivíduo percebe sua sexualidade é intrínseca à sua natureza, não podendo ser modificada por fatores externos como a moral, a religião e a imposição de papéis sexuais, sem que isto resulte em constrangimento e angústia (FERREIRA, 2008).

Sexualidade é a experiência de uma pessoa, em toda manifestação de seu ser. Podemos viver sem relação sexual, mas ninguém consegue viver sem afeto, que é uma expressão da sexualidade. Diante disso, pode-se considerar essa relação de afeto também para com a natureza e para com as artes ou para com uma causa.

Diante disso, afirma-se que uma pessoa pode ser sexualmente feliz sem, necessariamente, praticar o ato sexual, ou ainda quando uma parte, uma quantidade de energia libidinal (sexual) é voltada para os estudos, artes, esportes, dentre outros, pois de acordo com o que corrobora Chauí (1984) a sexualidade não se reduz aos órgãos genitais, porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital (CHAUÍ, 1984).

Diante disso, falar sobre temas relacionados à sexualidade torna-se algo confuso, já que ela se expande na medida em que se considera a influência e a variedade de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas. Neste sentido, a sexualidade não pode ser limitada a questões de ordem exclusivamente biológicas (KOLLER, 2002).

De acordo com Camargo; Ribeiro, (2010), a sexualidade humana, mais do que ato sexual e a reprodução, abrange as pessoas, seus sentimentos e relacionamentos. Implicam aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisão. A sexualidade é uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade.

Portanto, a pessoa composta socialmente está subordinada a um desenvolvimento de educação sexual desde que nasce. Este desenvolvimento de enquadramento dura a vida inteira, com a reprodução de estruturas e papéis tradicionais por meio da ideologia, família, linguagem, cultura, escola, trabalho e religião (BRASIL, 2012).

A sexualidade constantemente é tratada como um assunto proibido, constrangedor e vergonhoso. Muitos receberam uma educação sexual complexa,

com falta de informações, outros desenvolveram pouca intimidade com essas questões sexuais e até com o próprio corpo. Com o movimento desenvolvido na década de 1960, que pregava a liberdade sexual e amor livre, seria esperado que, na geração atual, tivéssemos pessoas mais saudáveis sexualmente, porém, muitos adultos de hoje não sabem lidar com a própria sexualidade (LOURO, 1997).

A sexualidade é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana. No mundo atual estamos continuamente assediados por um ambiente sexual que se manifesta nos mecanismos de sustentação da sociedade capitalista ocidental (NUNES, 2006).

Portanto muitas são as histórias relacionadas à sexualidade e ajudam para que o sexo tenha uma falsa imagem, como algo feio, sujo, impuro, perigoso e proibido. Mas sexo e sexualidade são partes fundamentais do nosso desenvolvimento físico e emocional (MIELNIK, 2009).

2.3 A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Durante muito tempo, a sexualidade foi um assunto ignorado pelas escolas. Os professores agiam como se seus alunos fossem seres assexuados, mesmo quando se tornavam adolescentes. Ainda nos dias atuais se depara com problemas semelhantes, de professores não saber de qual forma conduzir esse assunto em sala de aula (MIELNIK, 1980).

Com a chegada da família imperial portuguesa ao Brasil, que vieram acompanhados de médicos franceses, surge a primeira preocupação com a higiene do corpo, cujas orientações se estenderam a todo o segmento da sociedade, através de visitas domiciliares e palestras sócio-educativas, podendo considerar esse movimento como o embrião da educação sexual, voltada para toda a sociedade brasileira (BASSALO, 2010).

Em decorrência da ausência de debate sobre sexualidade e educação, o aluno cresce em meio à falta de informações. O preconceito é uma das causas que dificultam o dialogar sobre sexualidade.

Para Foucault (1982 p.15) a sexualidade é um “dispositivo histórico”, visto que, uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos que regulam que normatizam que instauram saberes, que produzem

“verdades”. Sua definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência de nosso olhar.

Cada pessoa tem sua própria maneira de enxergar e de lidar sobre a sexualidade, e esse é um assunto que desperta muitas curiosidades, principalmente nas crianças que geralmente recorrem aos pais para que suas dúvidas sejam esclarecidas. Muitas vezes por não saberem de que forma repassar essas informações aos seus filhos, os pais acabam deixando uma curiosidade maior do que havia antes e as crianças acabam levando essa situação para a sala de aula para compartilhar com seus colegas (FOUCAULT, 1982).

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que afirma em seu Art. 5º que: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos direitos fundamentais” (BRASIL, 2009). E ainda ratifica nos art. 15 e 18 que:

Art. 15 A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e a dignidade como pessoas humanas em processos de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas Leis.

Art. 18 É dever de todos zelar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Diante disto pode-se afirmar que a criança tem o direito de ter suas dúvidas esclarecidas, evitando que passem por qualquer constrangimento ou que se tornem motivo de gozação para seus colegas. Cabe ao professor sempre buscar conhecimentos para que possa estar sempre preparado para orientar o aluno em relação à sexualidade (NEDER, 2016).

Por sua vez, Ribeiro (2009) considera que no início, trabalhava-se a sexualidade não porque se acreditava ser importante para o bom desenvolvimento da criança e do adolescente, mas para que a educação sexual tratasse dos problemas que estavam aparecendo, como a gravidez na adolescência, o uso de drogas pelos jovens e a AIDS, que começava a ser notícia.

As escolas realizavam seus trabalhos de educação sexual, ensinando basicamente os aspectos biológicos, reprodução e corpo humano. Apesar de a compreensão biológica ser de suma importância, é insuficiente para a compreensão

total da pessoa. No passado a sociedade não era a favor que incluísse a educação sexual no ambiente escolar (NUNES, 2006).

De acordo com Guirado (2015), a sexualidade é como um fantasma que ronda as cercanias e os interiores da escola e da sala de aula. Não é o único, sabemos disso. Mas é, sem dúvida, um daqueles que, quanto mais se busca erradicar, mas assombra a cada esquina. E isso há séculos, ao que indica a história.

Portanto, no passado falar sobre sexualidade com alunos dentro do ambiente escolar seria como bater de frente com a sociedade, e o professor era punido de alguma forma. Mesmo nos dias atuais o assunto sexualidade nas escolas continua sendo um assunto em que os professores sentem dificuldades para abordar com os alunos.

Assim como se ensina matemática ou ciências, com simplicidade e honestidade, também deve ser ensinado à orientação sexual como mais um setor participante da curiosidade infantil. Assim como se fala em respiração, circulação, digestão com naturalidade e em nível elevado, pode-se e deve-se falar de produção como sadia satisfação da curiosidade inata a respeito da origem humana e de seu desenvolvimento (MIELNIK, p. 87, 1980).

A cada dia que passa torna-se fundamental que a escola esteja de portas abertas para essa discussão. Não tem como fazer com que os alunos deixem sua sexualidade do lado de fora.

2.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Orientação sexual está relacionada ao desejo afetivo e erótico de cada ser humano. Pode-se afirmar de forma simples que a partir do momento que esse desejo se direciona, pode ter como principal ou único propósito, pessoas do sexo oposto (heterossexualidade), pessoas do mesmo sexo (homossexualidade) ou de ambos os sexos (bissexualidade). Contudo, no meio médico, jurídico e da sexologia, o termo Orientação Sexual é utilizado para denominar a identidade erótica dos cidadãos em hetero, homo ou bissexuais (BRASIL, 2012).

Não se utiliza mais o termo opção sexual, nos últimos anos o termo utilizado tem sido “orientação sexual”, pois a ideia de “opção” deixa a entender de que o(a) homossexual escolheu sentir o desejo que sente e, assim, poderia ter escolhido por ser heterossexual. Se fosse uma questão de opção, os heterossexuais também

poderiam escolher sentir desejo por pessoas do mesmo sexo, o que pode ou não acontecer. Por isso é certo dizer e utilizar orientação sexual (LOURO, 2013).

Com isso a Orientação Sexual projeta-se a fornecer informações sobre sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamento sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais, abrange o desenvolvimento sexual compreendido como, saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade, imagem corporal, autoestima e relações do gênero (OLIVEIRA, 2011).

É importante lembrar também que não nascemos com uma orientação sexual definida, pronta, acabada. Pelo contrário, ao longo da vida vamos aprendendo e nos identificando com diferentes formas de vivenciar nossos desejos de uma forma mais fixa ou mais flexível, conforme as experiências vividas por cada um (PARKER, 2003).

Segundo Mielnik (1980), “a orientação sexual não corresponde à educação, ela vem apenas imprimir diretrizes a noções já existentes, vem lapidar facetas da personalidade sexual do indivíduo. E mesmo que os pais não tenham dado conscientemente nem uma educação sexual à criança, ela terá formado um núcleo de ideias sexuais, nascida do seu cotidiano da vida familiar”.

Ademais, a família em que a criança está inserida é quem vai estabelecer as normas de conduta e os elementos íntimos que ela terá como guia, sendo constante atestar seu padrão de comportamento semelhante ao observado como modelo (RIBEIRO, 2009).

As relações dos pais no casamento às manifestações emocionais diante dos filhos são influencias de forma direta na formação da sexualidade, na medida em que o carinho, a consideração, a atitude e a forma de tratamento do pai em relação à mãe, e vice-versa, são absorvidos de forma positiva ou negativa, destacando que toda a estrutura da personalidade vai-se refletir na vida sexual e afetiva do adolescente (ROSEMBERG, 2016).

A educação sexual é prioritariamente uma habilidade da família, pois é peça fundamental na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos. A família mesmo que não converse abertamente sobre sexualidade, é quem dá as primeiras noções sobre o que é adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições (SANTOS, 2014).

2.5O PAPEL DA ESCOLA

A maioria das escolas encontra-se com certa deficiência em relação a sua didática, e quando se fala em educação sexual podem-se perceber os obstáculos encontrados para incluí-la no currículo escolar. A falta de preparação faz com que os professores não queiram assumir tal responsabilidade, ao invés de esclarecer os questionamentos dos alunos, os deixam com mais dúvidas (SCHECTER, 2010).

O objetivo da educação sexual na escola baseia-se em colocar professores preparados adequadamente para lidar com o assunto sexualidade, ajudando os alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades, angustias, pois o aluno já leva para a escola informações adquirido de forma incompleta (BRASIL, 2012).

Educação sexual não consiste apenas em repassar informações sobre sexo. Significa também o contato pessoa/transmissão de valores, atitudes e comportamento.

A sexualidade há muito tempo não é apenas tema de debates científicos ou ponto alto das confissões religiosas. Vivem-se novos tempos, em que preconceitos começam a ser quebrados ou pelo menos enfrentados; é preciso atentar, portanto, para a importância da discussão acerca da pluralidade sexual humana e sua expressão na sociedade contemporânea, como um fenômeno essencial na construção de identidades e realidades (ROCHE, p. 54, 2010).

A orientação sexual na escola é um assunto complexo, pois o professor tem que estar preparado e precisa ter uma postura perante o adolescente, para conduzi-lo, mostrando o caminho a ser seguido, abrindo espaço à reflexões, onde os adolescentes tenham liberdade de expressão (SUPLICY, 1991).

De acordo com o Parâmetros Curriculares Nacionais PCN's (2012, p.123):

O educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento.

Muitas são as curiosidades e dúvidas levadas para a escola pelos alunos. Tentar negar essa realidade é perder a oportunidade de contribuir na formação do sujeito, sendo que a escola tem como parte fundamental em suas tarefas contribuir e orientar seus alunos. Conforme afirma Suplicy (1991):

A educação na escola visa colocar o diálogo sobre a sexualidade dentro da sala de aula, através de professores com preparo adequado para o bem desempenhar essa tarefa informativa e formativa que tem como finalidade transmitir a criança informações biológicas corretas sobre a sua sexualidade, ao mesmo tempo que acentua o conceito do sexo ligado ao bonito, ao afeto, ao respeito mútuo, à responsabilidade e ao prazer.(SUPLICY, 1991, p.187)

Até então as discussões realizadas nas escolas são insignificantes, apenas para aliviar as tensões dos adolescentes, pois ainda é valorizado somente o aspecto biológico reforçando ainda valores os quais acreditam, repassando seus medos e problemas. O adolescente acaba recebendo essa, carga de informações negativas (BRASIL, 2014).

O que se constata, entretanto, é um número assustador de adultos infelizes. Muitos deles não recebem orientação adequada na adolescência e, portanto, tiveram seu desenvolvimento emocional bloqueado. Isso gera insatisfações, angústias, comportamentos antissociais e sérios conflitos que vão prejudicar seus relacionamentos em geral. O adolescente recebe essa carga negativa – seja através da educação repressiva ou da indiferença e acaba, por sua vez, tendo o aprendizado semelhante aos dos adultos mais próximos. É bem verdade que muitos adultos reconhecem suas próprias limitações e o quanto elas podem ser prejudiciais à criança e ao adolescente, mas se sentem ainda incapazes de modificar essa situação (COSTA, p. 56, 2010).

É de extrema necessidade que haja esse debate entre professor e aluno, pois a informação incompleta traz diversas consequências na vida dos adolescentes, muitas vezes interrompendo essa fase da vida, forçando-os a tornarem-se “adultos” antes do tempo determinado.

Gravidez indesejada é muito comum na adolescência e isso acontece porque não se tem o conhecimento adequado de quais são as maneiras corretas para evitar uma gestação, trazendo assim várias consequências negativas na vida do adolescente. Também é muito comum a falta de instruções em relação de como se prevenir contra doenças sexualmente transmissíveis (SUPLICY, 1980).

No entanto, o papel da escola seria conduzir o aluno na direção correta, mostrar quais os riscos que correm, ajudá-los a terem um futuro digno de um ser humano, falar abertamente sobre sexualidade, pois a sexualidade está presente em todos os momentos da vida do indivíduo e inclusive em todas as partes da escola.

Segundo Louro (2013) “as questões referentes à sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações efetivas, nos namoros, elas estão bem de fato na sala de aula – assumidamente ou não – nas falas e nas atitudes dos professores e estudantes”.

2.5.1 Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) são compostos por um referencial de qualidade para a educação no ensino fundamental do Brasil. Seu papel é conduzir e garantir a conexão dos investimentos no sistema educacional, integrando discussões, pesquisas e recomendações (BRASIL, 2012).

Desse modo, funcionam como uma ajuda ou até mesmo como uma maneira de conduzir o corpo docente da escola para uma busca relacionada à melhora na qualidade da educação brasileira, de modo algum pretendem resolver todos os problemas que afetam a qualidade do ensino e da aprendizagem no país.

Em 1995, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), evidenciando a orientação sexual como um dos “temas transversais” a serem trabalhados nas escolas, associado junto com outros temas, tais como: ética, meio ambiente e pluralidade cultural.

Os Parâmetros sugerem aos professores que o tema Orientação Sexual seja abordado em sala de aula, através das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. O objetivo é de formar a opinião dos alunos a respeito do que lhes é ou foi apresentado, discutindo com eles os diversos valores ligados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, para que possam ampliar atitudes coerentes com os valores que eles próprios nomearam como seus (BRASIL, 2012).

Os PCN's voltados para a orientação sexual foi criado para auxiliar a escola na prevenção na área da sexualidade, por causa da preocupação dos educadores com o crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo vírus da AIDS (HIV) entre os jovens. Apesar de apresentar uma estrutura curricular completa, os Parâmetros Curriculares Nacionais são flexíveis, uma vez que, por sua natureza, exigem adaptações para a construção do currículo de uma Secretaria ou mesmo de uma escola (BRASIL, 2010).

O objetivo deste documento está em promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica no desenvolvimento dos alunos, levando em conta os princípios morais de cada um dos envolvidos e respeitando, também, os Direitos Humanos (BRASIL, 2012).

Também pela sua natureza, eles não se impõem como uma diretriz obrigatória: o que se pretende é que ocorram adaptações, por meio do diálogo, entre estes documentos e as práticas já existentes, desde as definições dos objetivos até as orientações didáticas para a manutenção de um todo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais e as propostas das Secretarias devem ser vistos como materiais que ajudarão a escola na constituição de sua proposta educacional, num processo de diálogo em que se compartilham e esclarecem os valores e propósitos que orientam o trabalho educacional (BRASIL, 2012).

“o conhecimento não é algo situado fora do indivíduo, a ser adquirido por meio da cópia do real, tampouco algo que o indivíduo constrói independentemente da realidade exterior, dos demais indivíduos e de suas próprias capacidades pessoais. É, antes de mais nada, uma construção histórica e social, na qual interferem fatores de ordem antropológica, cultural e psicológica, entre outros” (BRASIL, 2014).

Escolas que trabalharem o tema Sexualidade, de acordo com os Parâmetros, certamente terão um aumento do rendimento escolar, por causa do alívio de tensão e à preocupação com questões da sexualidade e o aumento da parceria e do respeito entre os alunos, além de diminuir a angústia e a agitação em sala de aula (CAMARGO, 2010).

2.5.2 As necessidades da educação sexual

Neste ponto de vista, a inserção de um programa da sexualidade no ambiente escolar é indispensável, considerando que a educação na escola é um meio eficaz para desenvolver nos estudantes, conhecimentos, atitudes, práticas e comportamentos favoráveis para a saúde e o bem-estar dos mesmos. Torna-se relevante se trabalhar a concepção de homem e de mundo nas convivências que determinam dentro e fora do ambiente escolar, oportunizando-os uma compreensão

histórica social da sexualidade dos mitos, valores e crenças que estão implicados nesta questão (FERREIRA, 2008).

Conforme Mielnik (1980) “pais e professores não podem fugir da sua função de educadores, pois se educam em outros setores e lecionam outros assuntos e matérias, não podem fugir ao imperativo de transmitir conhecimentos de ordem sexual”.

Sendo que, segundo Santos (2014), “quando os pais, educadores sexuais por excelência, desvinculam-se de seu papel de repassar para os filhos as responsabilidades que o ato envolve, devido ao constrangimento provocado pelo tema, ou por não saber falar com naturalidade, este fica a cargo dos amigos, das revistas, da televisão e de outros meios”.

A Educação Sexual é um desejo e um direito dos jovens em idade escolar. A falta de preparo e treinamento dos professores para falar sobre Educação Sexual reproduz problemas comuns em sala de aula, tais como a perda do raciocínio, falta do que falar sobre o assunto, assim como a falta de auxílio do professor (SANTOS, 2014). De acordo com os PCN's (BRASIL, 2012):

O objetivo do trabalho de Educação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que, de um lado, se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro, e, por outro lado, busca garantir direitos básicos a todos, como a saúde a informação e o conhecimento.

O ambiente escolar, portanto, é rico em diversidade cultural e social, onde crianças e adolescentes encontram-se em construção de aprendizado, de culturas e valores. A escola possui, desse modo, o compromisso de formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. Para tratar o assunto gênero, assim como a Educação sexual, há grande necessidade de os educadores passarem por uma capacitação com o objetivo de sanar alguns problemas herdados da educação que cada um recebeu, sanando problemas comuns como machismo, sexismo e preconceitos (SANTOS, 2014).

Figueiró (2009) chama a atenção para o fato de que quando se propõe educar sexualmente os alunos, há que se pensarem, concomitantemente, em oportunizar aos professores o reeducar-se sexualmente, participando de estudos que auxiliem a preparar-se para atuar como educadores sexuais, tanto do ensino regular, quanto no ensino especial.

Ademais, a importância da orientação sexual no contexto escolar é incontestável, tendo consciência que o conhecimento é o único caminho para que o jovem não se sujeite a mitos que possam impedi-lo de viver de forma saudável sua sexualidade. É, portanto, na escola que o jovem confronta seus valores renunciando-os, uma vez que o mesmo entra em contato com outros valores e significados (ROSEMBERG, 2016).

A proposta de orientação sexual não tem a intenção de instigar ou até mesmo estimular os adolescentes à prática do ato sexual, mas sim contribuir para o vasto processo no núcleo dessa educação, transmitindo informações e conhecimentos aos jovens relacionados à sexualidade humana (OLIVEIRA, 2011).

Com isso, envolver não só os aspectos físicos, mas, principalmente, as atividades que apresentem a dinâmica do corpo, portanto, o sentir, o desejo, a busca da satisfação, para que dessa forma ocorra a formação de atitudes adequadas à maneira de vivenciar, e forma saudável, a sexualidade de cada jovem.

Para Koller (2002), a Educação Sexual abrange também os cuidados que a pessoa deve ter quanto a transmissão das DST's. Acrescenta ainda, que através do conhecimento é possível evita-las ou diagnosticá-las, contribuindo para a redução ou eliminação de tabus e preconceitos que muitas vezes impedem ao adolescente de buscar cuidados especializados.

No entanto, a construção da sexualidade é um processo bastante complexo, e nesse processo estão envolvidos diversos fatores, como o individual, social, psíquico e cultural, que possui historicidade que envolve práticas, atitudes e simbolizações.

Faz-se necessário não só trabalhar com adolescentes os processos cognitivos, mas tudo que esteja relacionado também à afetividade, à formação da cidadania, a ética e a sexualidade.

2.6 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA

Segundo Suplicy (1991), a questão da sexualidade mudou tão rapidamente, nas últimas décadas, que deixou os pais meio perdidos. Antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado; o que podiam permitir ou não. Hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais.

Apesar de estarmos em um momento de transição, ainda existem alguns valores que não se pode deixar de transmitir aos jovens, como, o respeito por si próprio e pela dignidade enquanto pessoa; o respeito pelo outro no sentido de que a ninguém é permitido ver outra pessoa como meio de satisfação de suas necessidades (RIBEIRO, 2009).

Complementando, que todas as pessoas tem o direito à informação, responder o que o adolescente quer saber de forma honesta e não preconceituosa, ajudar o adolescente a desenvolver o espírito de crítica, a capacidade de raciocínio e a reflexão para escolher o que lhe convém (OLIVEIRA, 2011).

Suplicy (1991) destaca ainda que, para lidar com a sexualidade dos filhos, os pais necessitam se defrontar com a própria sexualidade e esta situação pode gerar, muitas vezes, angústia. A sexualidade dos filhos traz à tona para muitos pais aspectos reprimidos da própria sexualidade.

É da família que crianças e adolescentes deveriam receber as informações e esclarecimentos necessários para possuírem uma boa compreensão sobre a sexualidade, mas, geralmente os pais não tiveram esses esclarecimentos quando adolescentes (COSTA, 2010).

Atualmente as adolescentes falam mais sobre sexo com os pais, contudo as conversas acontecem apenas na superficialidade, não existem os esclarecimentos sobre alguns cuidados que é preciso ter antes da iniciação sexual e do conhecimento adequado dos métodos contraceptivos (COSTA, 2010).

Com isso, acontecem à busca de informações com os amigos, as conversas começam interessantes e logo em seguida acabam na vulgarização, deixando dúvidas sérias sobre a validade do conteúdo e a seriedade do diálogo (POTTER, 2002).

No entanto, os pais não percebem que a família deveria estar disposta para oferecer tais informações, o modelo familiar também funciona como um fator protetor para o comportamento de risco do adolescente.

Principalmente quando estão envolvidos o amor, o compromisso, o respeito e limites, com afeto e autoridade, nunca com autoritarismo, sendo ensinado o uso da liberdade ligado à responsabilidade e muito cuidado com cada atitude impensada que traga prejuízos (CANO, 2011).

Roche (2010), afirma que “algumas das vantagens de conversar com os filhos sobre sexo desde as primeiras dúvidas são: aumentar a intimidade e a afetividade entre si; abrir caminhos para que se possa conversar sobre tudo; informar corretamente; reduzindo as fantasias e a ansiedade delas decorrente; prevenir futura gravidez indesejável e contaminações por doenças sexualmente transmissíveis.”

Muitos pais acreditam que falar sobre sexualidade é estar induzindo o adolescente a praticar o sexo e que também estão protegendo os filhos do início precoce da educação sexual, e geralmente as orientações recebidas em casa são frases como: “sexo só quando casar”, “isto é pecado”, “é feio”. Estas frases não são levadas a sério pelos adolescentes porque elas acabam não esclarecendo nada (CANO, p. 19, 2011).

De acordo com Cano *et al.* (2011), “apesar das dificuldades dos pais, entende-se que é no convívio familiar, entre pessoas que se estimam e tentam superar as dificuldades do dia-a-dia, que as questões de sexualidade devem ser debatidas, levando-se em conta os valores, atitudes, crenças religiosas e culturais da família”.

Para Neder (2016, p. 43), “a família deve ser valorizada enquanto espaço social à produção de identidade social com vistas à formação do cidadão”, pois oferece o apoio necessário ao desenvolvimento dos seus componentes, desempenha papel decisivo na educação formal e não formal, absorção de valores éticos, morais e humanitários, e ainda, sedimenta o laço de solidariedade.

Os pais em sua maioria encarregam à escola e os professores a tarefa de falar de sexo e harmonizar a sexualidade dominante de seus filhos. No entanto é importante que se tenha um acordo mútuo entre família e a escola no que se diz respeito à sexualidade e seus discursos. Porém, não acontece tão claramente esta identificação. Ao mesmo tempo em que confia essa função, os pais assumem outra, a de ser patrulhadores do discurso normativo oficial (SCHECTER, 2010).

Portanto, família e escola formam uma parceria ideal para a formação dos educandos, devem trabalhar sempre juntas, de modo que resulte em uma formação mais sólida dos educandos. Essa relação dialética de família e dos agentes educacionais do espaço escolar é responsável por grandes avanços nessa área da sexualidade. (POTTER, 2002).

2.7 EDUCAÇÃO E SAÚDE

A educação para a saúde, que tem feito parte dos programas de saúde nas escolas, vem caracterizando fundamentalmente pela transmissão didática de informação com temas isolados e geralmente relacionados com enfermidades específicas e com aspectos físicos da saúde referindo-se às tentativas de integração entre as duas áreas na maioria dos casos a escola que tem se tornado um lugar para aplicar medidas de controle e prevenção de enfermidades, e os professores com frequência se queixam que o setor usa a escola e abusa do tempo disponível com ações isoladas que poderiam ser mais proveitosas com um programa integral (IPPOLITO SHEPHERD 2003, p.84).

Nesse contexto, as dificuldades para a conformação de normas, atribuições, formas de financiamento, estrutura organizacional e fluxo que possibilite o desenvolvimento integrado entre os setores de saúde e de educação nas instâncias estaduais, municipais e locais, de forma contextualizada e adaptada à realidade.

Esses são desafios para enfrentar a tendência de se restringir às ações de saúde na escola aos projetos pontuais preventivistas e prescritivos, que buscam responder as demandas emergenciais priorizadas por situações de epidemia, não cumprimentos de metas pactuais pelo setor saúde ou simplesmente aos calendários da saúde e educação (CHILLE, 2002).

Campos (2000, p.85) discorre a articulação entre saúde e educação no âmbito escolar. Uma desses pontos ocorre no Estado de Tocantins onde assume também uma tendência histórica de articular ações de educação em saúde, com base em datas comemorativas, campanhas e programas, aspecto que incentiva ações pontuais descontextualizados e com acentuado aspecto normativo, prescritivo e de fundamentação acentuadamente biológica, influenciando o olhar segmentado de um setor em relação ao outro. Segundo a Organização Pan- Americana da Saúde (1996, p.136):

Saúde e educação, como políticas públicas são essenciais ao exercício da cidadania e de estímulo à convivência solidária e harmônica, ao priorizarem uma ação integrada e intersetorial, podem favorecer a implantação de Escolas promotoras de saúde, possibilitam a opção por estilos de vida mais saudáveis, integrando os aspectos biopsicossociais e culturas de toda a comunidade escolar.

A educação em saúde tem um papel muito importante na tentativa de alcançar vários objetivos, pois fornece grandes oportunidades para que resultados interessantes e positivos sejam alcançados. Em todo mundo, um dos pontos-chaves é a participação da escola e da comunidade no controle de qualquer ação que se visa trabalhar e analisar.

Para Lima e Zancan (1991, p. 207), essa estratégia que leva em consideração a participação do grupo em comunidade, tendo como objetivo ensinar as pessoas a assumirem responsabilidades para que possam conseguir saúde alinhando-se nos princípios que regem os modelos sociais.

Nos dias de hoje está, portanto, estabelecida e oficializada, mediante uma determinação oficial, a interseção da educação com vários saberes e ciências, em especial a área da saúde. Este parece ser um desafio para os profissionais da saúde e educação, seus interlocutores, usuários, gestores e formuladores de políticas sociais, além de movimentos sociais, representações populares que visem uma boa interação entre todos, viabilizando assim a dinâmica entre os mesmos, fazendo essa relação entre os que compõem esse conjunto de indivíduos que estão em busca de um trabalho bom e imediato (BRASIL, 2012).

2.8 A ESCOLA COMO UM ESPAÇO SOCIAL PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE

A escola é um espaço formal onde se dá o processo educativo, mas também é um espaço institucional, social e político, permeado pela cultura. A consideração desses aspectos torna-se importante para o suporte e sustentabilidade de programas e estratégias voltados para a promoção e educação para a saúde. Dentro desse contexto, destacamos a Interdependência da gestão e a formação do ensino aprendizagem. No âmbito da gestão, partilhamos da reflexão feita por Brasil (2014),

Com relação à necessidade de flexibilização e do entendimento da gestão como intersubjetividade discursiva e o processo de desenvolvimento de aprendizagem, no sentido da construção de uma organização aberta evolutiva, também flexível, com finalidade explícita e responsabilizante para todos.

É possível observar uma visão diferente e assim, recorre-se a Ippolito Shepherd (2002, p. 54) que postula o seguinte:

Muitas escolas têm sofrido a deteriorização contínua de sua capacidade educativa como resultado dos efeitos negativos do meio, uma grande proporção de escolares vive em ambientes nocivos à saúde, em situações de exclusão social e estão cotidianamente sujeitos a desenvolverem práticas e condutas de risco para a saúde e ameaçados pelas morbidades sociais.

Implantado em âmbito estadual, em Março de 2002, o projeto saúde escolar que é desenvolvida em Palmas, através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Escola, Ministério da Educação (FNDE/MEC), onde levaram a reflexão e, conseqüentemente, à reorganização do trabalho desenvolvido nesse estado a respeito da saúde escolar.

A estratégia e os objetivos principais dessas escolas promotoras de saúde são unir-se em parceria com dois aspectos importantes, a saúde e a educação, no qual procura demonstrar até que ponto vai os projetos que são desenvolvidos dentro de um parâmetro justo e intelectual (BRASIL, 1998, p.88).

A educação permanente estará fortalecendo a fundamentação teórica, transformando em conhecimento público, pleiteando novas propostas, articulando-as com a prática concreta na criação de novas condições de gerenciamento, para que dentro do ambiente escolar, o ensino e o conhecimento possam estar ligados no processo ensino-aprendizagem, sendo a própria escola a fonte primordial para esse desenvolvimento (BRASIL, 2014).

Ao rever a interação entre os setores de educação e saúde, ressalta-se o processo de humanização dos serviços de atenção básica como importante contribuição para o fortalecimento da promoção da saúde. Baseado nesses pressupostos, muitas ações que são feitas têm um caráter educativo e, apesar da ação profissional de saúde, a qualidade do trabalho educativo na escola tem como referência o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos e de todos que nela convive (BRASIL, 2012).

Vale ressaltar que os alunos não aprendem apenas dentro da escola, mas também em outros espaços sociais. Todavia, não há dúvida quanto à função básica da escola como espaço de ensinar. É com base nesse ato, que as ações que são realizadas são compartilhadas entre os diferentes setores, pois é a partir do reconhecimento das diferenças que a construção, a convivência e a interação se concebem no ambiente escolar, sendo que é a partir daí que favorecerá a criação de diferentes espaços promotores de saúde, que este vem a incluir, entre outros, a comunidade, o serviço de saúde e a escola (NEDER, 2016).

A escola é um espaço privilegiado para a promoção da saúde, pois congrega por um período importante crianças, adolescentes, professores, outros profissionais e representantes da comunidade educativa.

Além disso, a escola é considerada um local de excelência, pois é onde o aluno estabelece a relação teoria e prática, reconhecendo assim, a importância da saúde de todos como qualidade de vida e seus processos de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem (IPPPOLITO, SHERPHERD, 2002, p. 86).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica seguido de uma pesquisa de campo, com abordagem quanti e qualitativa, exploratório descritiva. Segundo Gil (2008), um estudo é considerado exploratório quando o objetivo é proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito, permitindo assim ao investigador aprimorar suas ideias de forma que auxilie na descoberta de elementos e resultados desejados.

A abordagem qualitativa é quando se procura entender um fato específico em profundidade, trabalhando com descrições, comparações e interpretações. Sendo um fenômeno em estudo complexo de natureza social e cultural (ALMEIDA, 2005). Na pesquisa qualitativa, a delimitação do problema resulta da imersão do pesquisador no contexto que o condiciona, partilhando das experiências e percepções dos sujeitos, tomando por diretriz a questão inicial explicitada, a ser revista, reorientada, a partir do contexto real. O pesquisador é um interpretador da realidade (CHIZZOTTI, 2005).

O estudo descritivo visa observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Procura então descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características. A pesquisa utilizará os métodos descritivos, qualitativo, exploratório e quantitativo, uma vez que, a quantidade e a qualidade dos dados à disposição proporcionam que todos esses métodos sejam satisfatoriamente utilizados culminando assim em um resultado mais amplo e abrangente. Não perdendo, assim sua profundidade (POLIT; HUNGLER, 1995).

3.2 LOCAL DE ESTUDO

O presente estudo foi realizado na escola Estadual de Ensino Médio Maria do Socorro Jacob onde foram convidados professores e alunos para preenchimento de questionários semiestruturados.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população alvo do estudo é composta por professores e alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Maria do Socorro Jacob. Por se tratar de uma população finita, a amostra foi realizada com 04 professores e 60 alunos (sendo escolhidos 20 discentes de cada ano/série, distribuídos nos turnos). A pesquisa foi realizada no período de setembro e novembro de 2019.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA E ANALISE DE DADOS

Para coletar os dados, foram utilizados dois questionários com 10 questões objetivas e subjetivas, (APÊNDICE A e B). Esse tipo de questionário foi feito para gerar os dados necessários para levantar dados e assim atingir os objetivos do presente trabalho (MARCONI 2011).

Baseada em Lakatos; Marconi (2011), o questionário foi montado de forma evidenciar os objetivos da pesquisa e sendo disposto em ordem adequada as questões. O questionário possibilita obter informações de um grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica extensa. Os dados foram quantificados através do método de tabulação de estatística com apresentação em quadros, mediante a utilização do programa Word 2007.

O questionário teve sua aplicabilidade indicada exclusivamente para os professores e alunos devidamente ativos no Estabelecimento de Ensino que estudam.

3.5 ÉTICA NA PESQUISA

Foram esclarecidas as condições da pesquisa e de forma clara o objetivo do trabalho, sendo informado que os dados obtidos seriam somente para a pesquisa, e as informações, não trouxe nenhum risco ou prejuízo, ficando guardado somente com o pesquisador. Nessa pesquisa todos os participantes foram informados sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo as normas da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Garantindo que os direitos do participante foram respeitados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 OLHARES DOS DISCENTES

Na pesquisa de campo foram realizados questionários para os discentes e docentes da Escola Estadual Maria do Socorro Jacob. De acordo com os dados analisados os gráficos nos mostram como ocorre o processo de intervenção na escola.

O primeiro aspecto abordado na pesquisa foi apresentar questionamentos a respeito de como a escola se destacava em relação à presença de um orientador educacional. Baseado nesses pressupostos e da necessidade seguiu-se com a seguinte questão.

Questão 1: A escola necessitaria de um(a) Orientador(a) educacional para trabalhar temas voltados para a Educação sexual?

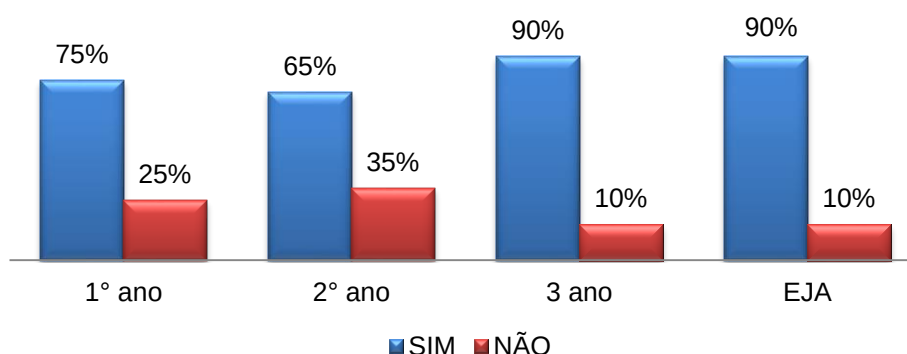


Gráfico 1: Necessidade de um Orientador Educacional para trabalhar Educação Sexual.
Fonte: Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/ 2019.

O gráfico 1 evidencia o conhecimento dos discentes em relação a escola possuir a presença de um orientador educacional no espaço escolar. Quase todos afirmaram que é de suma importância a participação efetiva desse trabalho na escola.

Observou-se uma grande relevância nas respostas, pois quase todos os alunos relacionam tem a percepção de que, dentro do espaço escolar, necessita de um interação mais avançada entre os alunos e os educadores, de forma que todos tenham um bom desempenho nos seus trabalhos como um todo. Segundo Brasil (2014), o orientador educacional precisa estar participando de tudo o que ocorre no

espaço escolar para que juntos, o rendimento anual dos discentes seja eficaz. Por isso é de grande relevância, existir uma comunicação entre ambos.

Questão 2: Educação Sexual é sinônimo de relação sexual?

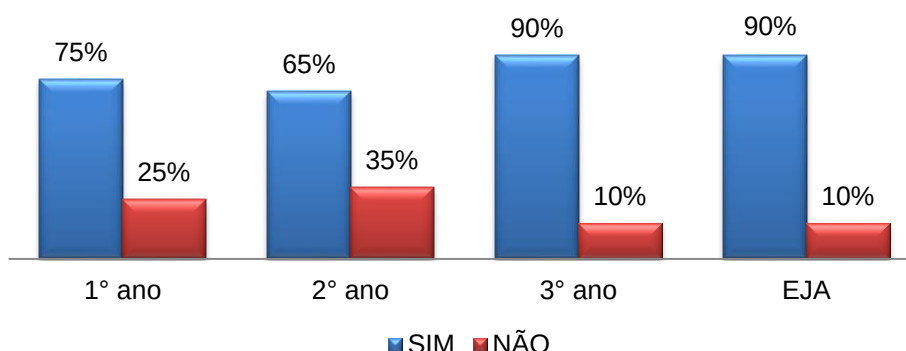


Gráfico 2: O conhecimento dos discentes em relação ao termo Educação sexual.
Fonte: Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/ 2019.

O grafico 2 demonstra o conhecimento de todos os discentes em relação a diferença de educação sexual para relação sexual. São poucos os alunos que afirmam que educação sexual não é sinônimo de relação sexual. Mostrando assim que menos da metade tem o entendimento acerca dessas duas conexões de palavras. É sabido, que Educação Sexual não deve ser vista de maneira solitária como uma ação que ocorre à parte da educação global do indivíduo deve ser entendida como parte fundamental da mesma.

Potter (2002) diz que a educação sexual “é o conjunto de caracteres especiais, internos ou externos, determinados a partir de uma integração de fatores biológicos, psicológicos, sócio-econômicos, culturais, étnicos, espirituais e religiosos.”

Questão 3: A sexualidade inicia-se na adolescência?

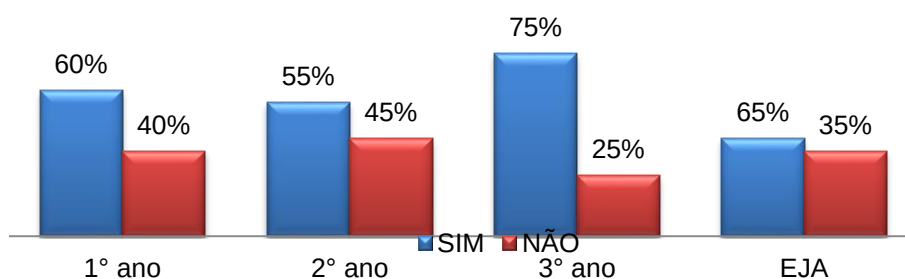


Gráfico 3: Quanto ao início da Sexualidade **Fonte:** Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/ 2019.

De acordo com o gráfico 3, pode-se perceber que a maioria dos alunos afirmam que a sexualidade se inicia na adolescência e termina na terceira idade, sendo que a sexualidade é parte fundamental na formação do indivíduo, ela faz parte da sua personalidade, então a sexualidade inicia a partir do momento em que se forma o ser humano.

Segundo Lima (2014), a sexualidade precisa ser trabalhada de forma que os alunos recebam essas informações de maneira objetiva e simples. O corpo docente da escola precisa trabalhar sempre em conjunto para obter um bom trabalho e que as crianças recebam a atenção e os cuidados necessários para terem o entendimento correto sobre suas dúvidas.

Questão 4: A Puberdade inicia-se sempre aos dez anos?

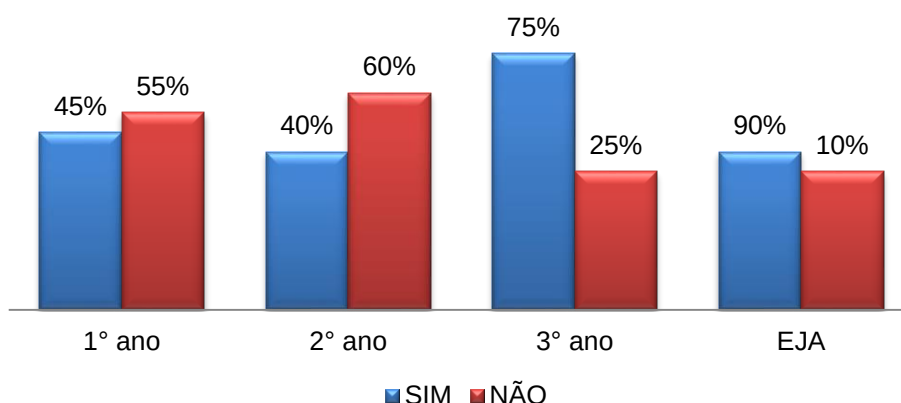


Gráfico 4: Quanto a idade de se iniciar a Puberdade aos dez anos. **Fonte:** Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/ 2019.

Quanto ao gráfico 4 pode-se notar a contradição que existe entre as turmas em relação ao conhecimento sobre o assunto. Nas turmas de 1º e 2º ano observa-se que a maioria dos discentes afirmam que a puberdade não se inicia aos dez anos de idade, nas turmas de 3º e EJA a sua maioria afirma que a puberdade inicia-se aos dez anos.

De acordo com Lima (2014), durante o curso do desenvolvimento, os indivíduos passam por uma fase denominada puberdade, um período de rápido crescimento físico e maturação sexual, finalizando a infância e dando início a adolescência. É nesse período que o corpo torna-se maduro e os “adolescentes” ficam capacitados para gerar filhos. E nesse momento é de extrema importância que pais e educadores estejam atentos para que essa sexualidade seja vivida de forma segura ou que eles percebam da importância desse momento para a vida deles

Questão 5: Aos treze anos todos os jovens, por sexo, têm os caracteres sexuais secundários igualmente desenvolvidos?

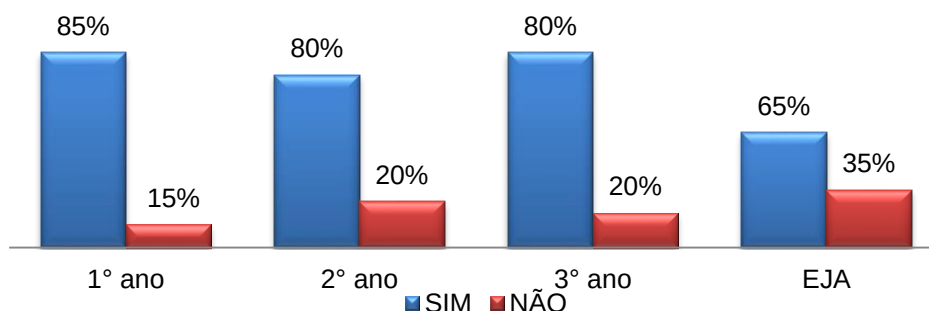


Gráfico 5: Conceção dos caracteres sexuais secundários, em relação ao seu desenvolvimento. **Fonte:** Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/ 2019.

Na análise dos dados coletados no gráfico 5, a maioria dos discentes de cada turma afirma que os caracteres sexuais secundários são igualmente desenvolvidos aos treze anos, tanto em meninas quanto em meninos. Portanto o oitavo ano mesmo aparentando ter mais conhecimento sobre a sexualidade, é de extrema importância que todos tenham um conhecimento amplo, no que diz os PCNs da Educação.

De acordo Brasil (2010), cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade e auxiliar os educandos a encontrar um ponto de auto referências através da reflexão e assim construir um processo formal e sistematizado, mas para tal, é necessário planejamento.

Segundo Cano (2011), discorre que as alterações físicas, com o surgimento das características sexuais secundárias, são vividas com ansiedade, algumas vezes com certo desconforto tanto para as meninas quanto para os rapazes. O “novo corpo”, inicialmente desconhecido, gera dúvidas e ansiedades, dando espaço para o surgimento de mitos e tabus a respeito da sexualidade.

Questão 6: A puberdade inicia-se, geralmente, mais cedo nas meninas?

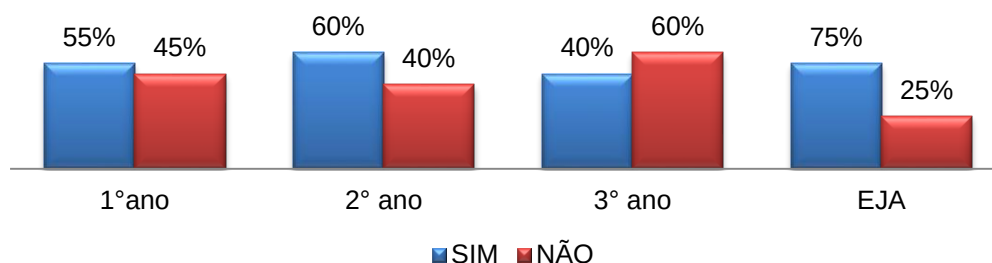


Gráfico 6: Conceção do Início da Puberdade. **Fonte:** Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, Outubro/ 2019.

De acordo com esse questionamento percebeu-se que apenas na turma do 2º ano houve uma discordância da maioria em relação ao resultado das outras turmas, afirmando que a puberdade não inicia mais cedo nas meninas. Isso demonstra a falta de conhecimento dos demais, e repassar a informação correta aos alunos é de extrema necessidade.

Segundo Guirado (2015), A educação sexual precisa ser trabalhada de forma que os alunos recebam essas informações de maneira objetiva e simples. O corpo docente da escola precisa trabalhar sempre em conjunto para obter um bom trabalho e que as crianças recebam a atenção e os cuidados necessários para terem o entendimento correto sobre suas dúvidas.

Assim, com o passar do tempo a rejeição em incluir a educação sexual nas escolas diminuiu, com a dificuldade que os pais encontram em achar uma forma de esclarecer os questionamentos de seus filhos, mas por saberem que é extremamente necessário para o desenvolvimento e o entendimento das crianças, acabam repassando essa responsabilidade para a escola.

Questão 7: A cultura e a religião das pessoas influenciam a sua sexualidade?

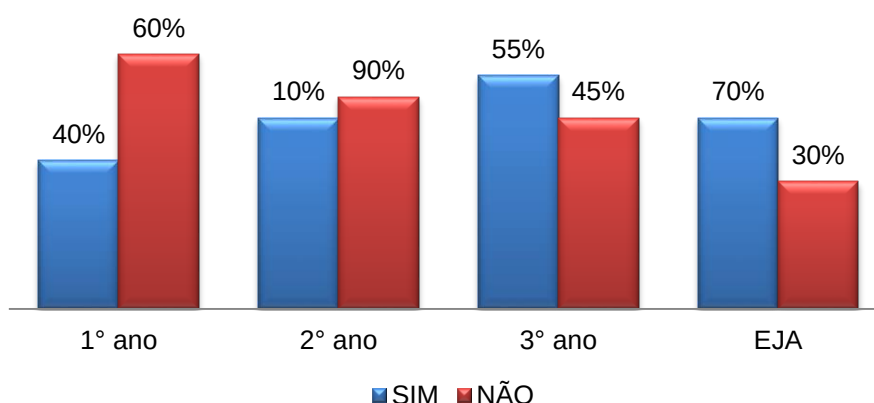


Gráfico 7: A Cultura e a Religião na influência da Sexualidade. **Fonte:** Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/ 2019.

No gráfico 7 a opinião dos alunos ficaram bem dividida em relação a cultura e a religião como influência da sexualidade, 12 alunos do primeiro ano e 10 alunos do segundo ano sendo a maioria, disseram que a cultura e a religião não influenciam na sexualidade dos indivíduos, já 11 alunos do terceiro ano e 9 alunos do EJA afirmam que a a cultura e a religião influenciam sim na sexualidade das pessoas.

Santos (2012), discorre sobre os conceitos relacionados à sexualidade sempre foram muitos distintos, cada época com sua maneira de julgar e caracterizar,

pois os estudos sobre a sexualidade têm mostrado que ela é construída de forma diferente através das culturas e do tempo. Nos dias atuais a sexualidade é definida como parte integral da formação de cada indivíduo, produzida no contexto social, cultural e histórico, no qual o sujeito está inserido.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é um aspecto básico necessário que é interligado com os outros aspectos básicos da vida. Os direitos sexuais acompanham aos direitos humanos que já são reconhecidos pelas leis e documentos internacionais consensuais. Eles incluem o direito de todas as pessoas e desprezam qualquer tipo de discriminação ou violência, devendo ser protegidos e respeitados (LOURO, 2013).

Questão 8: Como os indivíduos do sexo masculino vivem a sexualidade em relação aos indivíduos do sexo feminino?

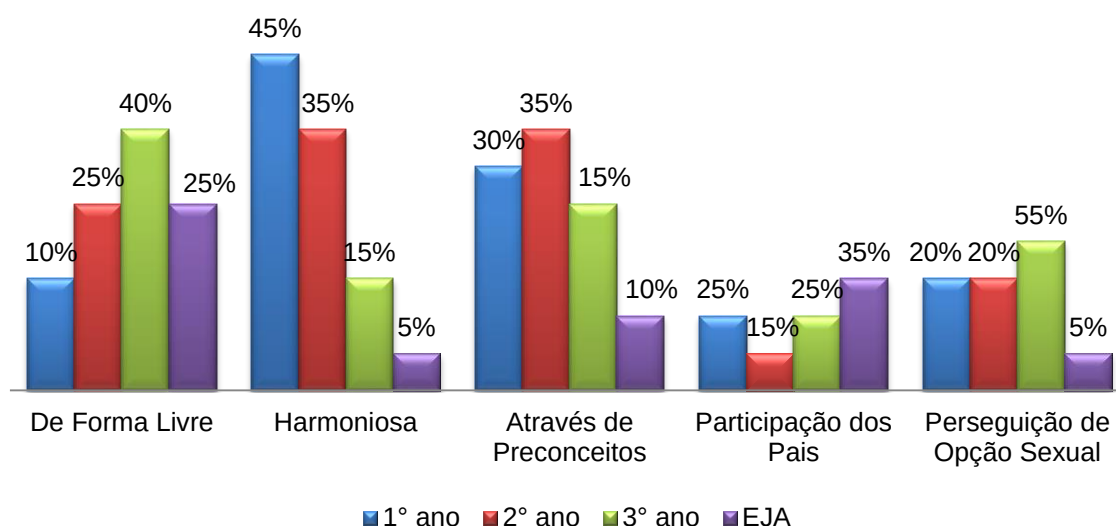


Gráfico 8: A vivência Sexual em relação os diferentes sexos. **Fonte:** Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/ 2019.

Em relação ao gráfico 8 que fala sobre a vivência sexual dos diferentes sexos, foi dado alternativas de resposta para essa questão, nota-se que dos alunos que fazem parte da pesquisa, a metade dos alunos afirmam que os indivíduos do sexo masculino vivem sua sexualidade de forma livre em relação aos indivíduos do sexo feminino.

Já alguns alunos afirmam que é de maneira harmoniosa que isso acontece, o segundo ano concordam que seja através de preconceitos, o terceiro ano afirmam que seja através da participação dos pais e o EJA declaram que é por meio de perseguição de opção sexual. Mostrando com isso que a opinião dos adolescentes

é bastante contraditória em relação a essa questão e que cada indivíduo tem sua maneira de avaliar a forma de vivência da sexualidade do sexo masculino em relação à vivência da sexualidade do sexo feminino.

Para Meira (2011), Com o passar do tempo à rejeição em incluir a educação sexual nas escolas diminuiu, com a dificuldade que os pais encontram em achar uma forma de esclarecer os questionamentos de seus filhos, mas por saberem que é extremamente necessário para o desenvolvimento e o entendimento das crianças, acabam repassando essa responsabilidade para a escola.

Por sua vez, Camargo (2010) afirma que, curiosamente, não havia nenhuma lei ou proibição formal contra a educação sexual. A interdição era difusa e, talvez por isso mesmo, mais eficiente. O assunto era tabu, existia, mas não se falava sobre ele. Orientadores, professores e educadores, de modo geral, passaram a assumir a interdição, temendo represálias e obedecendo a uma lei que, na verdade, nem mesmo existia.

Questão 9: Quais os temas o professor de Biologia já trabalhou na Classe?

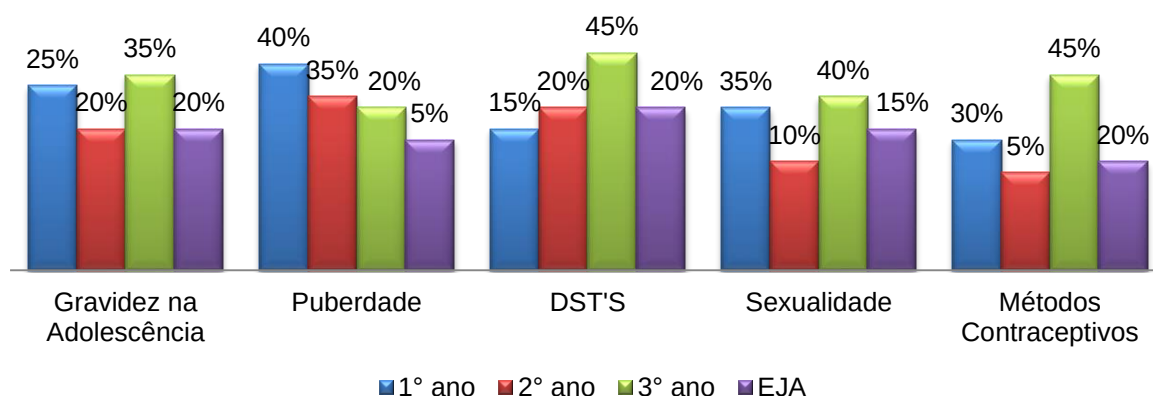


Gráfico 9: Quanto ao trabalho do professor de Biologia em relação ao tema. **Fonte:** Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/ 2019.

De acordo com os dados coletados, o gráfico 9 nos mostra que alunos de todas as turmas declaram que o professor de ciências já trabalhou assuntos relacionados a sexualidade em sala de aula. Através do gráfico pode-se perceber que os assuntos mais trabalhados pelos professores têm sido, gravidez na adolescência, puberdade e DST'S.

Conforme Suplicy (1990), “a educação sexual na escola, deve colocar o diálogo sobre a sexualidade dentro da sala de aula, através de professores com preparo adequado para desempenhar essa tarefa informativa, onde tem como

finalidade transmitir informações biológicas e corretas, acentuando o conceito de sexo ligado ao bonito, ao afeto, ao respeito, a responsabilidade e ao prazer”.

Questão 10: A Direção da escola já ofereceu alguma Palestra de Orientação Sexual no ambiente escolar?

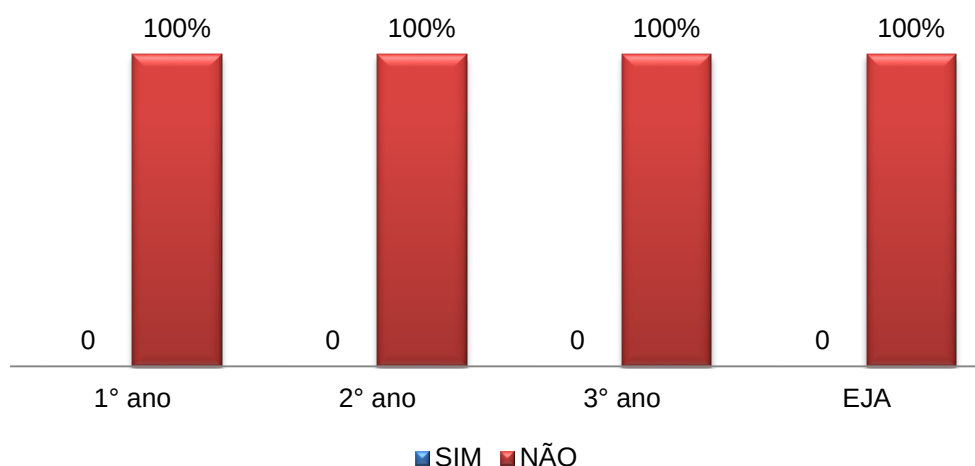


Gráfico 10: A participação da Direção na Intervenção Sexual. **Fonte:** Alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/ 2019.

No último gráfico direcionado a pesquisa feita com os alunos que está relacionado à participação da direção da escola na intervenção sexual, é evidente que todos os alunos responderam que não é ofertado nenhum tipo de orientação através de palestras na escola.

Esta pesquisa aponta que a grande maioria dos jovens necessita de informações na área da sexualidade, aponta a necessidade de implantação de programas de educação sexual nos currículos das escolas e esta abordagem deve ser realizada desde a infância e nas primeiras séries de estudo.

Segundo Brasil (2014), a educação sexual precisa ser trabalhada de forma que os alunos recebam essas informações de maneira objetiva e simples. A direção da escola precisa trabalhar sempre em conjunto para obter um bom trabalho e que as crianças recebam a atenção e os cuidados necessários para terem o entendimento correto sobre suas dúvidas.

4.2 OLHARES DOS DOCENTES

Oliveira (2011) descreve que é, dever do professor informar, problematizar, debater e questionar, diferentes tabus, preconceitos e atitudes expressas pela

sociedade, pois, o docente exerce um papel de mediador, sistematizador e formador de opinião.

Quanto à pesquisa a mesma foi direcionada a quatro (04) professores que ministram disciplinas de conteúdos diversos, os dados foram coletados e estão distribuídos através de tabelas para uma melhor compreensão sobre a opinião e conhecimento em relação ao tema abordado. Pode-se dizer que o professor é parte fundamental para a contribuição na formação integral do aluno. Por isso foi realizado um questionário para fortalecer o processo da pesquisa, que segue.

Questão 1: A Escola fornece Educação sexual aos alunos? Em caso positivo, como ocorre essa orientação?

Quadro 1: A escola e a orientação sexual. **Fonte:** Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>De acordo com a necessidade. Através de diálogo</i>
Professor 02	<i>De acordo com a necessidade. Em algum momento oportuno.</i>
Professor 03	<i>Por meio de palestras com especialistas.</i>
Professor 04	<i>Por meio de palestras com especialistas.</i>

No quadro1 que está relacionado ao fato da maneira que a escola fornece a orientação sexual aos alunos, os professores 1 e 2 afirmam que é de acordo com a necessidade. E os professores 3 e 4 afirmam que é por meio de especialistas, nos mostrando através dessas respostas que a escola apesar das dificuldades para tratar do assunto ela se preocupa em orientar seus alunos mesmo não sendo constantemente.

Segundo Brasil (2014), os docentes precisam estar capacitados e orientados para trabalhar com os discentes de forma multidisciplinar, pois é de grande relevância existir um preparo para que os parâmetros curriculares nacionais não sejam esquecidos. Vale ressaltar que o professor precisa se preocupar com o aprendizado da classe, isso releva ainda mais o seu trabalho em sala de aula.

Além disso, essa preocupação da escola é muito positiva pois demonstra preocupação e cuidado nessa fase tão importante imprescindível na formação dos alunos. Tanto na vida do ponto de vista intelectual quanto na sua vida pessoal, uma vez que nem sempre os pais estão preocupados com essas questões voltadas para a sexualidade, deixando a responsabilidade exclusivamente para a escola.

Questão 2: Na sua opinião, quais as vantagens de se trabalhar educação sexual na escola?

Quadro 2: Vantagens de trabalhar educação sexual. **Fonte:** Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>A vantagem é que o aluno passará a ter outros comportamentos em relação a algum tipo de atitude negativa de antes.</i>
Professor 02	<i>Prevenir os alunos principalmente adolescentes no sentido de se evitar doenças, gravidez precoce, entre outros.</i>
Professor 03	<i>A prevenção de uma gravidez precoce, evitar doenças sexualmente transmissíveis.</i>
Professor 04	<i>Desmistificar o conteúdo e propiciar uma melhor absorção, e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida.</i>

Os professores acreditam que a orientação ajuda os alunos a conhecer e entender o desenvolvimento e as mudanças de seu corpo; propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e enfatiza os diversos valores associados à sexualidade; sensibilizar o aluno quanto à responsabilidade e valor para com sua pessoa como ser humano e que o bom entendimento sobre o assunto resulta em uma melhor qualidade de vida.

A professora número 1 foi bem específica na questão, da prevenção do aluno e isso é serve como base, para as demais ao tratar da questão saúde como um todo.

Para Ferreira (2008), assim como a sexualidade a saúde sexual e a saúde reprodutiva também tiveram no decorrer da história várias definições, de acordo com cada época em que se foi vivida. Professores precisam repassar para seus alunos o quanto a saúde sexual precisa ser debatida em sala de aula, pois é de grande valia essa questão.

Questão 3: Você utiliza suas aulas para trabalhar educação sexual?

Quadro 3: Quanto a utilização da educação sexual na sala de aula. **Fonte:** Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>Sim. No momento em que a sala se encontra distraída.</i>
Professor 02	<i>Sim. Em conversa com os alunos citando exemplos de casos que acontecem na sociedade.</i>
Professor 03	<i>Sim. Quando ministramos a disciplina de Ciências Humanas aproveitamos os espaços e falamos sobre orientações sexuais.</i>
Professor 04	<i>Sim. Conversando informalmente.</i>

O quadro 3 nos mostra que todos os professores trabalham em suas aulas a orientação sexual, mas cada um a sua maneira, o professor 1 responde que fala sobre o assunto em um momento de distração, já professor 2 fala de acordo com a realidade, o professor 3 comenta sobre o assunto no momento das aulas de ciências e o professor 4 através de conversas informais, isso justifica o entendimento de cada um em relação ao seu pensamento como formador de opinião.

Segundo o Guia de Orientação Sexual, Na puberdade, as transformações do corpo são acompanhadas por uma rápida aceleração do crescimento estatural. Assim, as transformações da puberdade podem ser acompanhadas por alterações de humor, instabilidade emocional, questionamentos e conflitos. Na puberdade, com a ação dos hormônios sexuais, o desejo sexual se intensifica. É a partir da puberdade que o interesse por outras pessoas e o desejo de uma relação sexual começam a se manifestar (BRASIL, 2014).

Questão 4: Você já presenciou situações em que foi ou era necessária a intervenção de um orientador? Descreva.

Quadro 4: Quanto a necessidade de um orientador. **Fonte:** Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>Sim. Pois assim facilitaria o processo de segurança e efetivação por parte do orientador, como respaldo ao professor.</i>
Professor 02	<i>Não</i>
Professor 03	<i>Não</i>
Professor 04	<i>Já sim, mas não em minha classe. Onde o professor perdeu o controle da turma.</i>

O quadro 4 nos mostra que 2 professores afirmam que já presenciaram situações em que seria necessário a intervenção de um orientador. Pois a presença de um orientador na escola seria de extrema necessidade, traria facilidade e respaldo para o trabalho do professor. É necessário que se tenha um educador no estabelecimento de ensino, pois segundo Santos (2014), o adolescente, do ponto de vista emocional, social e profissional, pode ser considerado imaturo, pois se encontra em um período de transformações, buscando auto-afirmação e autoconhecimento.

Nesse sentido, as adolescentes sofrerão de vários malefícios marcas em sua evolução psíquica e social. A adolescência é um processo tanto físico quanto psicológico, o que dificulta a decisão de ter um bebê, pois envolve muitas renúncias, por isso o apoio familiar é fundamental.

Questão 5: Quais os casos mais comuns que você tem presenciado na escola que exigem a educação sexual?

Quadro 5: Casos comuns de educação sexual presenciados na escola. **Fonte:** Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>Namoro de meninas com meninos. Alguns gestos obscenos, alguns tipos de modos, palavrões, descuido ao se vestir, ao sentar.</i>
Professor 02	<i>Adolescentes que afirmaram que não eram mais virgens e que já tinham feito relação sem camisinha.</i>
Professor 03	<i>Gravidez na adolescência.</i>
Professor 04	<i>Adolescentes que não tem comunicação com seus pais, isso se torna uma barreira para esse tipo de educação.</i>

De acordo com os professores os casos mais comuns presenciados por eles foram: namoro entre meninos e meninas; o modo de se comportar e o linguajar; gestos e palavras obscenas; diálogo entre eles sobre a prática de relação sexual e a falta de prevenção; e a gravidez na adolescência.

Segundo Koller (2015), a gravidez resulta de falta de cuidado das próprias adolescentes, visto que na atualidade existem vários ensinamentos sobre o assunto, meios de se prevenir, como a utilização de camisinha e contraceptivos. Não é porque são menores que desconhecem o assunto, na maioria das vezes sabe do tema, conhecem os mecanismos para não engravidar, contudo, acabam contrariando tal prerrogativa, e com isso, vindos a fertilizar.

Questão 6: O que você entende por educação sexual e orientação sexual?

Quadro 6 : Concepção quanto a educação sexual e orientação sexual. **Fonte:** Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>Educação sexual é um processo contínuo de ações que levam ao desenvolver do indivíduo posições adequadas de relacionamento sexual. Já a Orientação sexual é como fazer com que diversas práticas não sejam ultrapassadas para ferir a imagem dos indivíduos</i>
Professor 02	<i>Educação sexual é o meio pelo qual a pessoa se instrui para ter uma rotina sexual saudável e orientação é a maneira de como é passada essa educação.</i>
Professor 03	<i>Educação sexual é como se fosse uma disciplina. A orientação sexual é mais para orientar.</i>
Professor 04	<i>Desconheço a diferença entre os dois termos.</i>

Notou-se com este questionamento que alguns professores fugiram do contexto deixando clara falta de informação e despreparo dos profissionais que atuam em sala de aula com crianças e adolescentes. Segundo Neder (2016), a desinformação e a fragilidade na educação sexual são também questões

problemáticas. A gravidez já é uma fase da vida complexa. Além dos hormônios, que nessa etapa afloram causando as mais diversas mudanças no adolescente.

Questão 7: Você acha importante trabalhar o conteúdo educação sexual em sala de aula?

Quadro 7: Importância da temática na concepção de docentes. **Fonte:** Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>Sim. Sempre é interessante ensinar essa temática.</i>
Professor 02	<i>Sim, pois nos dias de hoje as adolescentes engravidam muito cedo onde às vezes não se tem informações sobre doenças venéreas e gravidez precoce.</i>
Professor 03	<i>Sim, pois alguns alunos não tem esse diálogo entre a família, e a escola tem esse espaço para trabalhar a temática com os alunos.</i>
Professor 04	<i>Sim, mas a partir de certa idade.</i>

De acordo com as opiniões expressas pelos educadores questionados, percebeu-se por unanimidade que é de suma importância que se trabalhe educação sexual em sala de aula.

É de grande valia trabalhar educação sexual na escola, pois para muitos jovens, não há perspectiva no futuro, não há planos de vida. Somado a isso, a falta de orientação e de informações pertinentes, a mídia que passa aos jovens a intenção de sensualidade, libido e liberdade sexual, além da comum fase de fazer tudo por impulso, sem pensar nas consequências, aumenta ainda mais a incidência juvenil (BASSALO, 2010).

Questão 8: Qual maior dificuldade hoje, em sua opinião de se trabalhar educação sexual na escola?

Quadro 8: Dificuldades para trabalhar com educação sexual. **Fonte:** Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>A maior dificuldade enfrentada é a falta de um orientador.</i>
Professor 02	<i>A falta de orientadores e palestras frequentes.</i>
Professor 03	<i>A maior dificuldade é a falta de interação entre família e escola.</i>
Professor 04	<i>Falta de conhecimento por parte dos pais e tabus religiosos.</i>

Para esse questionamento constatou que houve uma divisão de opinião entre eles, a metade afirma que a maior dificuldade encontrada seria a falta de um orientador na escola, e os outros afirmam que é a ausência da família por falta de conhecimento e até mesmo por preconceitos religiosos.

É compreensível que, neste delicado e complexo contexto, formado por sistemas interligados de signos e códigos, pais e filhos encontrem dificuldades em iniciarem conversas sobre sexualidade. Os jovens sentem-se constrangidos ou temem a desaprovação de seus pais. Os pais, por sua vez, sentem-se despreparados e desajeitados para abordar o assunto.

De fato, conversar sobre sexualidade é muito mais do que simplesmente transmitir informações. Requer a transposição de barreiras, como idade e valores, em favor de uma proximidade que facilite a percepção do momento existencial do filho, mediada por mensagens que não sejam nem restritivas e nem permissivas. Implica a formação de uma aliança comunicativa na qual filho ou filha encontre espaço e apoio para o desenvolvimento psicológico (LIMA, 2015).

Questão 9: Existe no PPP da escola alguma proposta para se trabalhar a temática sexualidade? Qual?

Quadro 9:Propostas do PPP em relação a sexualidade. **Fonte:** Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>Não.</i>
Professor 02	<i>Não, pois a escola falta muito material estrutura administrativa, principalmente, material de apoio.</i>
Professor 03	<i>Não.</i>
Professor 04	<i>Não. Somente conteúdo transversal.</i>

Através das informações obtidas pelos professores nota-se que no PPP da escola que os mesmos prestam serviço não possui proposta para trabalhar com a temática sexualidade, o professor dois alega que é porque falta material de apoio e também de estrutura administrativa. Já o professor 4 diz que só é ofertado através do conteúdo transversal que seria os PCN'S. O Estatuto da Criança e do Adolescente, sob a Lei N°.8.069/90 (Brasil, 1990), afirma que a adolescência pode ser considerada dos 12 aos 18 anos de idade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a adolescência dos 10 aos 19 anos, e a juventude como o período que vai dos 15 anos aos 24 anos.

O Ministério da Saúde toma por base a definição da OMS, definindo a adolescência entre 10 e 24 anos. Como ponto de reflexão, parece que, até pra se compreender os limites que configuram o começo e fim da adolescência é

complicado, portanto é de suma importância existir essa temática na sala de aula (BRASIL, 2014).

Questão 10: Você responde naturalmente as perguntas dos adolescentes relacionadas a sexo ou prefere deixar para outro momento ou quem sabe deixar para a própria família responder?

Quadro 10: Visão dos docentes ao questionamento do adolescente em relação a sexualidade.

Fonte: Professores da Escola Maria do Socorro Jacob, outubro/2019.

Professor 01	<i>Sim, respondo e procuro esclarecer, mais ainda acho que a família é essencial passar esse saber.</i>
Professor 02	<i>Respondo de acordo com meus conhecimentos, mas sempre orientando de maneira positiva para que os adolescentes reflitam sobre as consequências que a falta de conhecimento traz.</i>
Professor 03	<i>Sim, da mesma forma que eles conversam entre os adolescentes.</i>
Professor 04	<i>Respondo naturalmente, principalmente se houver confiança e conhecimento do conteúdo.</i>

No quadro 10, percebe-se a consonância existente entre as respostas dos professores, não encontram problemas ao responder as perguntas feitas por alunos, o professor 1 enfatiza que a família é parte fundamental na construção desse saber.

Neste sentido a escola e a família precisam ter um elo de comunicação significativa, para que a criança e o adolescente reconheçam de fato o valor e a importância da unidade de ensino. Os estudos realizados indicam que a manifestação da sexualidade em um sujeito ocorre a partir do nascimento à sua morte, em um desenvolvimento de relações com o meio social e a cultura.

Segundo Meira (2011), a sexualidade é um acontecimento cada vez mais notório na sociedade e se apresenta nas mais distintas maneiras de expressão e comportamento humano, sendo necessário um olhar mais atento sobre esta questão. Assume importante representação no processo de desenvolvimento de um indivíduo, a família e da escola, uma vez que nesses espaços de convivência, desenvolve sua sexualidade, necessitando de informações neste percurso de desenvolvimento.

Para Mielnik (2011), a sexualidade é uma característica eminentemente humana. Sua percepção vai além de uma concepção simplista, adquirindo significados na sua composição social, cultural e histórica. Investigar a sexualidade e sua inclusão como tema transversal no currículo se faz necessário para a compreensão de muitas problemáticas que perpassam o desenvolvimento humano, na escola.

Percebeu-se a consonância existente entre as respostas dos professores, os mesmos não encontram problemas ao responder as perguntas feitas por alunos, o professor 1 enfatiza que a família é parte fundamental na construção desse saber.

5 CONCLUSÃO

O estudo possibilitou descrever sobre a o conhecimento de professores e alunos acerca da Educação sexual. O atrativo pelo conteúdo da pesquisa surgiu mediante aos desafios apresentados sobre o tema e da crescente necessidade de se discutir mais sobre esta questão em uma sociedade em que, embora a Educação sexual esteja entranhada no cotidiano das pessoas, conclui-se que ela é pouco debatida como necessidade de desenvolvimento humano.

De acordo com os dados que foram levantados, foi positivo o resultado esperado, visto que a Educação passa e passará por diversas transformações que ao longo dos tempos, para facilitar o processo ensino-aprendizagem. Esta mudança deve considerar a formação integral do ser humano, considerando sua dimensão psico-sexual. Percebeu-se a consonância existente entre as respostas dos professores, os mesmos não encontram problemas ao responder as perguntas feitas por alunos, os professores enfatizam que a família é parte fundamental na construção desse saber.

Nesse contexto, foi constatada a dificuldade encontrada no decorrer da pesquisa, a falta de um orientador na escola, onde diversas situações que ocorreram ao longo do ano letivo, houve a necessidade de uma intervenção de um orientador. Pois a presença de um orientador na escola seria de extrema importância no qual traria facilidade e respaldo para o trabalho do professor e de todos.

Espera-se que trabalhos futuros, venham de uma melhor forma destacar o presente tema, relacionados com as diversas áreas do conhecimento como tais como a Educação e Saúde, pois é de grande valia a escola solicitar através de ofícios para que um profissional da área da saúde esteja acompanhando o estabelecimento de ensino, com práticas educativas, palestras, minicursos, debates entre outros, tudo isso, para o bem estar de todos que por ali desenvolvem suas atividades laborais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, B. C. **Educação Sexual na escola e no lar**. SP. 2ª Ed. / 2 ed. - São Paulo- SP globo 2005.
- BARROSO, C, BRUSCHINI, M. C. **Educação Sexual: debate aberto**. São Paulo: Vozes, 2005.
- BASSALO, L. M. B. **Educação Sexual e Escola**. Resgatando evidências históricas dessa relação. Vol. 1 nº 1. (Texto apresentado no II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação). p. 36-42. Fev. 2010.
- BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Um terceiro e quarto ciclos, apresentação dos temas transversais**. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 2010.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental**. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2014.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (Introdução)**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 2012.
- BRUSCHINI, M. C. BARROSO, C. **Educação sexual e prevenção da gravidez**. In: Carmen et al. **Gravidez na Adolescência**. Brasília: INPLAN/IPEA/UNICEF, 2012. p. 29-54 (Série Instrumentos para a Ação n. 6).
- CAMARGO, A. M. F. RIBEIRO, C. **Sexualidade (s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 2010.
- CAMPOS, G. W. S. **Saúde em debate. Um método para análise e co- gestão de coletivos: A construção do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia e instituições: O método da roda**. São Paulo. Hucitec, 2000.
- CANO *et al.* Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Rev. Latino-Am. Enfermagem. [online]. Abr. 2011, vol. 8, no. 2 [citado 15 julho 2014], p. 18-24. Disponível na WorldWide Web.
- CHAUÍ, M. **Repressão sexual**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHIZZOT, A. P. F. HOEREDIA, E. P. **Os fatores emocionais**, Curitiba- PR, 2005.
- CORREIA, G. B. **X Congresso Brasileiro de Educação Infantil**. Anais..., Curitiba, 2008.

COSTA, M. Sexualidade na Adolescência. 4ª ed. L e PM editores.coordenador da **Revista Consciência**. 2010. Net, colaborador do site Em Dia Com a Cidadania (www.emdiacomacidadania.com.br), coordenador da Semana da Diversidade Sexual da UFRJ (www.eco.ufrj.br/diversidade) e pesquisador na mesma universidade. Contato: diegocotta@ufrj.br.

CHILE. Ministério da Saúde. **Estabelecimentos da educação promotora de Saúde no Chile: Avanços e desafios**. Chile, 2002.

FERREIRA, O. C. **Orientação Sexual um desafio na escola**. Monografia de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba – FAI, Itaituba-Pará; 2008

FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GIL. S. J. **Força: Princípios metodológicos para o análises de pesquisa**. São Paulo: Phorte, 2008.

GUIRADO, M. **Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola**. In: AQUINO, J.G (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2015.

IPPOLITO - SHEPHERD, J. **Escuelas promotoras de La salud: La experience centroamericana**. Washington: 2003.

KOLLER, S. H. C.JEFFET. M.L.**Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: 2002.

LAKATOS e MARCONI. Metodologias diversas. **A Busca do Saber**. Ed. Saraiva, 3ª Ed. São Paulo-SP; 2011.

LIMA, L. L. da G. (2015). **Confissão e sexualidade**. Parker, R. M. Barbosa (Orgs.) Sexualidade Brasileiras (pp. 38-50). Rio de Janeiro: RelumeDumará/ABIA: IMS/UERJ.

LIMA, L. C. **Uma análise sobre Orientação Sexual na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Antonio Gonzaga Barros**: Realizada no Município de Itaituba – PA/ Luciana de Carvalho Lima – Itaituba: CGLPP da FAI, 2014.

LIMA, M. A; ZANCAN, L.O **Discurso da educação em saúde (1940-1980): uma contribuição para a história das políticas públicas de saúde no Brasil**. In: LIMA, M. et al. **Contribuição para análise de políticas públicas no Brasil: educação e mudança social**. Rio de Janeiro, RJ, 1991.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MEIRA, L. B. **Sexo: aquilo que os pais não falaram para os filhos/** ed. Universitária. João Pessoa PB. 2011.

MIELNIK, I. **Educação Sexual na escola e no lar: da infância à adolescência**. São Paulo. IBRASA, 1980.

MIELNIK, I. **Educação Sexual na escola e no lar**. SP 2ª Ed. IBRASA, 1980.

MULLER, L. Altos papos sobre sexo dos 12 aos 80 anos/ 2 ed. - São Paulo: globo 2009.

NEDER, G. **Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil**. In: Kaloustian SM, organizador. Família brasileira: a base de tudo. São Paulo: Cortez; 2016. p. 26-46.

NUNES, C. **A Educação Sexual da Criança**, 2ª Ed. Campinas, SP: Ires associados, 2006.

OLIVEIRA, J. N. **Orientação sexual no campo educacional: Desafios e Realidades em duas Escolas da Zona Rural do Município de Itaituba-PA**. Monografia de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba – FAI, Itaituba – Pará. 2011.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE. **Escolas promotoras da Saúde**. Guia para leitura. OPS/OMS: Washington, DC, 1996.

PARKER, R. e B. Regina M. (Orgs.) **Sexualidade Brasileiras**. Rio de Janeiro: RelumeDumará: ABIA: IMS/UERJ, 2003.

POTTER PA, PERRY AG. Grande tratado de enfermagem prática: clínica e prática hospitalar. Tradução de Hildegard Thiemann Buckup e Terezinha Oppido. 3ª ed. São Paulo-SP: Santos Liv Ed, 2002: 280-87; 621-75.

POLIT, H. **Orientação Sexual um desafio na escola**. Monografia de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba – FAI, Itaituba-Pará; 1995.

RIBEIRO, M. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Editora Academia de Inteligências, 2009.

ROCHE, F. Sexualidade infantil. Rio de Janeiro, editora saraiva, 12 ed. 2010.

ROSEMBERG, F. **Educação sexual na escola**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 53, p. 11-9, maio 2016.

SANTOS, L. V; SANTOS, E. C. Adolescentes, jovens e AIDS no Brasil. Disponível em: [HTTP://www.aids.gov.br/prevencao/adolescentes.htm](http://www.aids.gov.br/prevencao/adolescentes.htm). [acesso em 13 jul. de 2014].

SCHECTER, S. J. The New York School Systems Family Life Education Program. *Community Health*, 11(1): 54-7, 2010.

SCIVOLETTO, S. **Manual de Medicina da Adolescência**. Belo Horizonte: Editora Health, 1997.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991. 407p.

SUPLICY, M. *Papai, Mamãe e Eu*. São Paulo: FTD, 1990.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA
DISCENTES

1)- A escola necessitaria de um(a) Orientador(a) educacional para trabalhar temas voltados para a Educação sexual?

() Sim () Não

2)- Sexualidade é sinônimo de relação sexual?

() Sim () Não

3)- A sexualidade inicia-se na adolescência e termina na terceira idade?

() Sim () Não

4)- A Puberdade inicia-se sempre aos dez anos?

() Sim () Não

5)- Aos treze anos todos os jovens, por sexo, têm os caracteres sexuais secundários igualmente desenvolvidos?

() Sim () Não

6)- A Puberdade inicia-se, geralmente, mais cedo nas meninas?

() Sim () Não

7)- A cultura e a religião das pessoas influenciam a sua sexualidade?

() Sim () Não

8)- Como os indivíduos do sexo masculino vivem a sexualidade em relação aos indivíduos do sexo feminino?

() De forma livre () Harmoniosa () Através de Preconceitos

() Participação dos pais () Perseguição de Opção Sexual

9)- Quais temas o professor de Biologia já trabalhou na classe?

() Gravidez na Adolescência () Puberdade () DST'S

() Sexualidade () Métodos Contraceptivos

10)- A Direção da escola já ofereceu alguma Palestra de Orientação Sexual no ambiente escolar?

() Sim () Não

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA
DOCENTES

1)- A Escola fornece Educação sexual aos alunos? Em caso positivo, como ocorre essa orientação?

2)- Na sua opinião, quais as vantagens de se trabalhar Educação sexual na escola?

3)- Você utiliza suas aulas para trabalhar Educação Sexual?

() Sim () Não

Em caso positivo como você aproveita as ocasiões para dar essa orientação?

4)- Você já presenciou situações em que foi ou era necessária a intervenção de um(a) orientador(a)? Descreva.

5)- Quais os casos mais comuns que você tem presenciado na escola que exigem a Educação sexual?

6)- O que você entende por educação sexual e orientação sexual?

7)- Você acha importante trabalhar o conteúdo educação sexual em sala de aula?

8)- Qual maior dificuldade hoje, em sua opinião de se trabalhar educação sexual na escola?

9)- Existe no Plano Político Pedagógico (PPP) da escola alguma proposta para se trabalhar a temática sexualidade? Qual?

10)- Você responde naturalmente as perguntas dos adolescentes relacionadas a sexo ou prefere deixar para outro momento ou quem sabe deixar para a própria família responder?
